

**CRISTIANO MOREIRA DA SILVA**

**A RELAÇÃO ENTRE SUJEITOS E LÍNGUAS EM  
DIFERENTES PROCESSOS DE IMIGRAÇÃO  
NO SUL DE MINAS GERAIS**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ**

**POUSO ALEGRE**

**2012**

**CRISTIANO MOREIRA DA SILVA**

**A RELAÇÃO ENTRE SUJEITOS E LÍNGUAS EM  
DIFERENTES PROCESSOS DE IMIGRAÇÃO  
NO SUL DE MINAS GERAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade do Vale do Sapucaí como  
requisito final para obtenção do título de  
Mestre em Ciências da Linguagem.

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Onice Payer**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ**

**POUSO ALEGRE**

**2012**

**CRISTIANO MOREIRA DA SILVA**

**A RELAÇÃO ENTRE SUJEITOS E LÍNGUAS EM  
DIFERENTES PROCESSOS DE IMIGRAÇÃO  
NO SUL DE MINAS GERAIS**

Dissertação defendida e aprovada em \_\_\_\_\_ pela banca examinadora constituída pelas professoras:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Onice Payer  
Orientadora

---

Prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini  
Examinador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmen Zink-Bolognini  
Examinadora

## AGRADECIMENTOS

*A Deus, aquele que me possibilitou superar as adversidades e desafios do caminho.*

*À minha Mãe, sobretudo ao meu Pai. Sinceramente, agradecido.*

*Aos amigos de caminhada: sucesso...*

*À Ana Clara, meu presente de Deus. Eu te amo!*

*À Giovana, minha aluna, parte desta bonita reflexão: saudades de nossas entrevistas.*

*À Professora Dra. Maria Onice Payer, quem me ajudou a beber do manancial da sabedoria.*

SILVA, Cristiano Moreira da. **A Relação de Sujeitos com as Línguas em Diferentes Processos de Imigração no Sul de Minas Gerais**. 2012. Dissertação - Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2012.

## RESUMO

Este trabalho trata da relação de sujeitos com a língua em diferentes processos migratórios (italianos), no Sul de Minas Gerais. A nossa pesquisa foi desenvolvida a partir de entrevistas com imigrantes italianos que passaram por diferentes processos de imigração: de imigrações esparsas, em massa, e do grande fluxo migratório no período pós-guerra. À luz da Análise de Discurso francesa, procuramos identificar especificidades destes diferentes processos de imigração no que diz respeito ao modo como as diferenças contextuais interferem na relação dos sujeitos com a língua dos imigrantes e a língua nacional do Brasil, ambas faladas por eles. No além da língua posta como questão, um outro aspecto que se revelou importante para o estudo da relação com a língua refere-se à imagem que esses imigrantes fazem de si mesmos enquanto protagonistas dos processos migratórios. Nas oito entrevistas feitas para a análise, trabalhamos com roteiro semi-aberto, com dez perguntas. Analisando discursivamente essas entrevistas, fomos contrastando as respostas dos imigrantes de cada um dos diferentes processos de imigração, observando em que se assemelham e em que se diferenciam. Os resultados nos ajudaram a compreender, desta forma, que realmente há nas relações dos sujeitos desses processos uma diferença inquietante e ao mesmo tempo silenciosa com a língua, tanto a língua materna quanto a língua nacional que operam de formas diferentes nos sujeitos. O trabalho leva a compreender que o sujeito apresenta diferentes relações ao tratar com ambas as línguas, uma vez que são de ordens diferentes.

Assim entendemos de forma bastante clara, embora não estanque, a dinamicidade da língua, afetada pelo real da história e pela ideologia.

**Palavras-chave: língua, memória discursiva, identificação, processos imigratórios.**

SILVA, Cristiano Moreira da. **A Relação de Sujeitos com as Línguas em Diferentes Processos de Imigração no Sul de Minas Gerais**. 2012. Dissertação - Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2012.

### ABSTRACT

This report deals with the relationship between subjects with the language in different immigration processes (Italians), in the South of Minas Gerais. Our research was developed from interviews with Italian immigrants that went through different processes of immigration: from sparse immigration and from *en masse* immigration, as well as the great flow of the immigration period during the Republic establishment and the post-war immigration.

For the French Speech Analysis, we looked into identifying specificities from these immigration processes regarding the way the contextual differences interfere in the relationship between the subjects with the immigrant's mother tongue and the Brazilian national spoken language, both spoken by them. Far into the language put into question, another aspect that revealed important for the study of the relationship with the language refers to the image that these immigrants made of themselves while protagonist of these immigration processes. In the eight interviews made for the analysis, we worked with a half-open script, with ten questions.

Discursively analyzing these interviews, we contrasted the answers from the immigrants in each of the different processes of immigration, observing in where they resemble each other and where they differentiate. The results helped us understand, in this manner, that there really is a disquieting difference in the relationship between the subjects in the processes and at the same time silent with the language, in the mother tongue as well the national spoken language that operates in different ways in the subjects.

The report makes us understand that the person shows different relationships in dealing with both languages once they are in different orders. So, we understand in a very clear way, although it doesn't staunch the language dynamicity, affected by the reality of the story and by ideologies.

**Key-words – mother tongue, national spoken language, memory, identification.**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>METODOLOGIA. CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E RELAÇÃO COM OS ENTREVISTADOS .....</b>	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>RELAÇÃO ENTRE OS SUJEITOS IMIGRANTES E AS LÍNGUAS .....</b>	<b>34</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>58</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>61</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a relação que existe entre a língua materna e a língua nacional tal como observada em entrevistas de sujeitos imigrantes italianos de diferentes processos de imigração, relação que se encontra vinculada às imagens que eles fazem de si e dos países que os recebeu e os de sua procedência.

Considerando os significados de língua materna e língua nacional, tal como vêm sendo estudados no campo do discurso, seguimos uma trajetória de estudos que possibilita observar como se dá essa relação para esses sujeitos. Procuramos observar se, e como, os diferentes contextos e significados dos diferentes movimentos migratórios desses sujeitos imigrantes interferem nessas imagens da língua e dos sujeitos historicamente envolvidos na imigração.

Vamos nos limitar a destacar três diferentes processos de imigração, que encontramos entre os sujeitos imigrantes (italianos) que entrevistamos, no Sul de Minas Gerais. O primeiro processo se refere a sujeitos que se deslocaram de seu país por meio de uma imigração esparsa, ou seja, que deixaram a Itália e vieram isoladamente de outras famílias, diferentemente dos contextos de imigração em massa. Um segundo tipo é o de sujeitos que participaram de movimentos de imigração em massa, que se fixaram nas terras brasileiras, especificamente no chão sul mineiro, junto com inúmeras outras famílias, e que desse modo tiveram possibilidades de manter algum contato com a língua materna (italiano e dialetos) no próprio Brasil, de forma diferente do primeiro tipo acima mencionado, em que as famílias, que imigraram isoladamente, não praticavam a língua por elas trazida com uma comunidade envolvente. Um terceiro tipo encontrado, que verificamos no decorrer das entrevistas e análises, refere-se aos imigrantes do Pós-Guerra, que, de certa forma, possuem especificidades em relação às imagens de si, das razões da imigração, do país de onde imigraram e do país que os recebeu, diferentes do grupo anterior, o que, como veremos, acaba

por interferir na relação entre a língua materna e a língua nacional. Um ponto de partida desse nosso estudo se dá através da concepção de Eduardo Guimarães (2005) que diz: “O Brasil é um país multilíngue.” Para ele, esta característica linguística é significada politicamente pela tensão histórica entre um imaginário de unidade, comum a um grande número de países contemporâneos, e uma divisão das línguas e de seus falantes. Esse imaginário de unidade é parte da construção das identidades nacionais modernas. Ainda, segundo o autor, as línguas são afetadas, no seu funcionamento, por condições históricas específicas. Dessa forma, “elas são objetos históricos e estão sempre relacionadas inseparavelmente daqueles que as falam” (Guimarães 2005). É por isso que as línguas são elementos fortes nos processos de identificação social dos grupos humanos, conforme veremos através de outras análises e autores.

Desse modo, dentre outros sentidos de língua materna a serem especificados adiante, Guimarães define que língua materna é a língua cujos falantes a praticam pelo fato de a sociedade em que se nasce a praticar; nesta medida ela é, em geral, a língua que se representa como primeira para seus falantes. Já a língua nacional é a língua de um povo, enquanto língua que o caracteriza, que dá a seus falantes uma relação de pertencer a esse povo.

Do ponto de vista das definições trabalhadas na pesquisa, a língua materna de um grupo de falantes não é necessariamente igual à língua nacional, ou oficial desse mesmo grupo. No decorrer do estudo, faremos aprofundamentos nas definições e concepções em torno dessas diferentes modalidades e dimensões de línguas.

O tema de interesse desta pesquisa surgiu, sobretudo, a partir de textos estudados sobre a língua no processo de ensino aprendizagem, sobre língua e memória, sobre o funcionamento das línguas como nacional e materna. Esses estudos, de certo modo, fizeram-me sentido para as práticas e convívios do cotidiano, ao lidar diretamente com sujeitos

imigrantes, de modo mais geral, e com imigrantes italianos em minha realidade profissional, como professor de língua, e social específicas, no Sul de Minas.

A memória discursiva faz parte de um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos. Há uma memória funcionando na linguagem e os processos discursivos são responsáveis por fazer emergir o que, em uma memória coletiva, é característico de um determinado processo histórico. Orlandi (1993) diz que o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz no interdiscurso, apropriando-se da memória, que se manifestará de diferentes formas em discursos distintos.

Nesse sentido, os diferentes processos de imigração podem ter imprimido memórias diferentes conforme as experiências históricas desses sujeitos. Esta é a questão que propomos compreender com esta pesquisa.

Pensar sobre a relação de sujeitos imigrantes com as línguas é inquietante. Faz pensar uma série de pontos, e dentre eles, que os imigrantes trazem especificidades, se comparados a outros sujeitos, nos seus processos de identificação com a língua materna e a língua nacional (Payer, 2006, 2007). Em estudos sobre a memória da língua na imigração italiana no Brasil, esta autora menciona possíveis diferenças entre os processos de identificação na relação com a língua para sujeitos da “imigração em massa” (período republicano) e outros tipos de imigrações, como as esporádicas, em função das diferentes condições de produção. Este estudo propõe desenvolver análises semelhantes. Em nosso trabalho, além das imigrações esporádicas, que aqui chamaremos “imigração esparsa”, da imigração em massa (que em nosso trabalho não é a mesma imigração em massa do Período Republicano) nos defrontamos também com imigrantes do período das grandes guerras. Deste modo, poderemos observar como os motivos históricos da imigração interferem no processo de imigrar, em seus sujeitos e conseqüentemente nas suas relações com a língua.

Em seu estudo sobre a memória da imigração do período republicano, Payer (2007) notou os diferentes funcionamentos da memória das línguas, como materna e nacional, e as identificações dos sujeitos em relação a elas. Língua materna e língua nacional não são as mesmas, diz a autora, por serem línguas materialmente diferentes, por terem memórias discursivas diferentes, presente nas línguas pela história, e ressalta a importância de se olhar para o fato de que assim se constituem em conceitos teóricos distintos. Por isso, será importante, também, destacar, dentro da Análise do Discurso, o que é memória discursiva e memória da língua.

Pensando na língua como formadora do Estado e da identidade de uma nação, é interessante pensar na língua materna dos imigrantes, pois isso nos faz entender como se dá essa relação espaço/língua para esses sujeitos que, além de estarem submetidos à língua nacional, trazem consigo, na memória discursiva, a memória dessa língua materna. No contexto de forte nacionalismo, a língua nacional dos imigrantes italianos foi silenciada na década de 1930. Dessa forma, a língua do estrangeiro, que era outra, diferente da língua nacional, representaria certo risco para a língua nacional do Brasil, uma vez que se tratava de uma massa de sujeitos falantes dessa outra língua, em contextos políticos em que os imigrantes tinham atuação significativa. Isso, para além do fato de que os Estados Nacionais funcionam, via de regra, na base do monolinguismo. Assim, tentou-se apagar a língua do estrangeiro. Uma vez que foram obrigados a falar em português e silenciar sua língua materna, a memória dos imigrantes acaba por apresentar traços da memória linguística.

A partir das diferenças na relação com as línguas nesses diferentes processos migratórios, poderemos avançar mais sobre o conceito de língua materna, como língua que funciona na constituição do sujeito, já que ela é parte da sua estruturação simbólica. Não se pode dizer em todas as situações que a língua materna é formada por uma única língua, porque ela pode trazer materialidades de mais de uma língua (Payer, 2006). Em contrapartida,

é através da língua nacional que o sujeito passa a se inscrever, dentro de uma sociedade estrangeira.

xxx

É sabido na historiografia brasileira que dentre o volumoso contingente de imigrantes que vieram para o Brasil, muitos se instalaram no Sul de Minas Gerais. Na prática de linguagem, a língua materna desses sujeitos, em seu funcionamento ao lado da língua nacional (do país que os recebeu) produz efeitos de sentidos muito interessantes, pois ao se comunicar na língua nacional falada no Brasil, historicamente, o sujeito estrangeiro percorre a memória discursiva e mistura <sup>1</sup>dizeres em língua materna e em língua nacional que provocam sentidos e significados peculiares. Outras vezes, quando há em sua prática de linguagem o bilinguismo em um sentido mais estrito, o sujeito comunica-se tanto em língua nacional quanto na língua materna ou estrangeira.

O bilinguismo aqui tratado não se refere ao conceito costumeiro de que é o indivíduo proficiente em duas línguas, mas sim o conceito entendido por Carmem Zink, ao retomar os estudos do francês M. Pêcheux e da brasileira E. Orlandi. Levando-se em consideração que a linguagem é inerente, é preciso entender que o sentido do discurso não está pronto, acabado. Ele é construído de acordo com a situação porque o sujeito é interpelado pela ideologia e afetado pela história. Assim, segundo Carmem Zink, falar em português, no Brasil, é produzir um discurso de um ser que foi colonizado, diferentemente do que falar alemão, cujos falantes produziram discurso de colonizadores (europeus). Em nossa pesquisa, para o mesmo sujeito, que fala em italiano e na língua oficial do Brasil, isso fica evidente, já que as duas línguas

---

<sup>1</sup> A noção de mistura de línguas tem sido estudada por E. Orlandi, entre outros, no texto que escreveu com T. SOUZA, “A língua imaginária e a língua fluída: dois métodos de trabalho com a linguagem”. In: ORLANDI, E. (org.). Política linguística na América Latina. Campinas: Pontes, 1988.

representam sentidos diferentes para o mesmo sujeito, pois as condições de produção da língua materna e da língua nacional são, também, diferentes.

Segundo Payer, a noção de língua nacional e língua materna encontra-se em diversos domínios dos estudos da linguagem, e, para o campo do discurso, elas interessam na medida em que a noção de materno “permite indicar características indeléveis do que é materno em nós”, com relação à língua (Payer & Celada, 2010).

Compreendido deste modo, o trabalho sobre a língua aqui desenvolvido tem sua importância, no campo educacional, para professores que lidam com alunos que são sujeitos imigrantes. Este trabalho pretende ajudar esses profissionais a lidarem com a língua nacional e com a língua materna, observando as diferentes dimensões da língua. Se é verdade que os processos de identificação com a língua são diferentes entre a imigração em massa e a imigração esparsa, e ainda, na imigração pós-guerra, como verificamos nesta pesquisa, é interessante estudar em que termos se dão essas diferenças.

Os objetivos do trabalho são entender como pensa (significa) o sujeito estrangeiro ao ter contato com a língua nacional, por certa obrigatoriedade de falá-la, e com a língua materna, por certa proibição, bem como a imagem que o sujeito imigrante faz de si mesmo quanto à sua história de imigração, pela relação de pertença e de não pertença a uma Nação, seja a brasileira, seja a de sua procedência, que se estabelece imaginariamente pelo/no discurso, conforme as análises das entrevistas. Vale aqui pensarmos na proibição da língua italiana no Brasil por parte do Governo da época como uma forma de manter a unidade nacional.

Esse estudo levará a compreender, também, como a língua materna, ainda falada, influencia nas significações, na prática de linguagem do sujeito imigrante.

Descobrir as principais diferenças na relação com as línguas materna e nacional entre os imigrantes esparsos, os imigrantes em massa e os imigrantes do pós-guerra, e compreender o modo material da presença da memória da imigração na linguagem dos sujeitos entrevistados, é o que visamos com a pesquisa.

Metodologicamente, em suma, neste estudo foram realizadas entrevistas com sujeitos representantes de cada um dos diferentes movimentos imigratórios: de forma esparsa ou em massa, no período da segunda guerra.

No total, foram feitas oito entrevistas. Foram selecionados para entrevista sujeitos na faixa etária entre 24 e 85 anos de idade, pois esta faixa abrange falantes que tiveram bastante tempo de contato e prática com a língua materna, antes de imigrarem e se depararem com outra língua, como língua nacional do país para onde se deslocaram.

Entrevistamos esses sujeitos com base em, seguindo um roteiro semi-aberto, conforme vamos apresentar mais adiante. Optamos por um roteiro semi-aberto para podermos analisar as respostas às mesmas perguntas em diferentes sujeitos.

As entrevistas foram todas transcritas, e, em seguida, analisadas, conforme os procedimentos analíticos próprios da área, conforme especificam M. Pêcheux, 1975 (1990), e E. Orlandi, 2003; (2001): a identificação de marcas linguísticas com propriedades significativas para compreender o processo discursivo em funcionamento em relação à imigração e à língua.

Os materiais analisados são, portanto, entrevistas feitas com os sujeitos acima especificados. Nas entrevistas, foi observada e analisada a maneira como vivenciam e falam da língua, deixando transparecer, em vestígios, na materialidade das entrevistas, a relação com a língua nacional e com a língua materna, tal como se deu nos diferentes tipos de imigração.

Também foi utilizado um diário de campo, anotações de visitas e conversas informais. Para melhor conhecer e compreender a história da imigração no Sul de Minas, foi realizada também pesquisa de arquivo, em instituições locais como a Secretaria de Cultura da cidade de Pouso Alegre. Além disso, procuramos pesquisar a história da imigração dos sujeitos de imigração esparsa, em massa e no pós-guerra.

No primeiro capítulo, o da Fundamentação Teórica, procuramos embasar a nossa pesquisa nos estudos e conceitos da AD, disciplina esta que nos guia neste trabalho.

No segundo capítulo, o da Metodologia, relacionamos a constituição do *corpus* com os entrevistados. Ou seja, organizamos os entrevistados de acordo com o processo de imigração e falamos como foram feitas as análises.

No terceiro capítulo, das análises, observamos as materialidades linguísticas presentes na fala dos entrevistados e procuramos responder, à luz da AD, às indagações que impulsionam nossa pesquisa.

## **CAPÍTULO PRIMEIRO**

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A Análise do Discurso (AD), área disciplinar em que se inscreve esta pesquisa, surgiu na França, nos anos sessenta do século XX, estabelecendo o discurso como seu objeto de conhecimento próprio, opondo-se à Análise de Conteúdo, tão difundida na área das Ciências Humanas, a qual concebe o texto na sua transparência, apenas enquanto projeção de uma realidade extradiscursiva, indiferente às articulações propriamente linguísticas, textuais e ideológicas, envolvendo o sujeito que produz a linguagem, como discurso. No que segue, trazemos alguns dos princípios teóricos que fundamentam este campo.

Segundo Michel Pêcheux (1983), principal autor iniciador desta área de pesquisas, o sujeito do discurso caracteriza-se por dois esquecimentos: pelo primeiro deles, o sujeito tem a ilusão de que é o criador absoluto do seu discurso, a origem do sentido, apagando tudo que remeta ao exterior de sua formação discursiva. É um esquecimento pelo sujeito falante de que o discurso (o que ele diz) caracteriza-se pela retomada do já dito, tendo o sujeito ilusão de que sabe e controla tudo o que diz (Pêcheux e Fuchs, 1997, p.168-9). Pelo segundo esquecimento, o sujeito tem a ilusão de que tudo que ele diz tem apenas um significado que será captado pelo seu interlocutor, expressando o verdadeiro sentido, e tal como ele diz.

Michel Pêcheux, filósofo de formação, dá uma grande contribuição aos estudos linguísticos ao desenvolver a ideia de que a linguagem é uma importante forma material da ideologia. Na sua análise do discurso, ele procura demonstrar os embates ideológicos que ocorrem no funcionamento da linguagem e a existência da materialidade linguística como lugar da ideologia.

Eni Orlandi, linguista brasileira que se especializou em Análise de Discurso, e que muito tem expandido essa teoria em sua vasta obra, conforme especificaremos adiante,

observa que nesta área, quando se diz que o sujeito, para se constituir, deve-se submeter à língua, ao simbólico, é preciso acrescentar que não estamos afirmando que somos pegos pela língua enquanto sistema formal, mas sim pelo jogo da língua na história, na produção dos sentidos. É o acontecimento dos objetos simbólicos que nos afeta e constitui como sujeitos.

Fundamentando nossas análises na Teoria do Discurso francesa, entendemos que a concepção discursiva retira a ilusão que se tem de transparência da linguagem. Trabalha-se com a ideia de o sentido poder sempre ser outro. A opacidade, oposto da transparência, não resulta da má elaboração de um texto, mas é característica inerente à linguagem. Há, segundo essa perspectiva teórica, uma diferença fundamental sobre o que se quer dizer (as intenções do enunciador) e os efeitos do que se diz. Assim, o sentido não é transparente, não podendo, pois, ser plenamente codificado tal como produzido por um emissor.

O sujeito, para a Análise do Discurso, é um sujeito descentrado, porque é interpelado pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 1999). Esse sujeito fala a partir de sua inscrição na história e na ideologia. Assim, também, os “gestos de interpretação” se elaboram historicamente, no embate entre diferentes formulações de ordem ideológica, que orientam a produção do sentido. Conforme E. Orlandi, ler não é chegar a um sentido definitivo, último, mas expor-se à opacidade do texto, “saber que o sentido sempre pode ser outro” (ORLANDI, 1996a, p. 64).

A ideia de “completude”, também trabalhada por essa autora (ORLANDI, 2003), produz um efeito de que o sentido é literal, único. Não há, pois, um sentido original, que pode ser tomado com único e certo. Como propõe E. Orlandi (1996), para a AD não há nem um autor onipotente, que consegue controlar toda a significação do que diz; nem um leitor onisciente, capaz de dar conta de toda a multiplicidade de sentidos e determinações de sentidos, mesmo mobilizando todo o seu conhecimento e habilidades cognitivas; nem um texto transparente, que permita ser decodificado, decifrado na sua totalidade. E isso é

diferente de “ler nas entrelinhas”, pois os sentidos são produzidos como efeitos justamente “nas linhas”, ou seja, na materialidade discursiva da enunciação.

No conjunto das entrevistas analisadas, vamos notar que o sentido não é transparente para o sujeito migrante. Há algo da historicidade da migração que produz efeitos de sentido no que esse sujeito diz, mesmo que ele “não saiba” disso nas suas representações do que diz. Muitos fatores da opacidade do discurso dos migrantes, no que diz respeito à língua, são relacionados à história social da migração.

A língua italiana foi proibida no Brasil na década de 1930, pelo Estado, com o então Presidente Getúlio Vargas, após declarar guerra contra a Itália. Qualquer manifestação da cultura italiana, assim como alemã, no Brasil, naquele momento, era considerada infração. Isso contribuiu bastante para que o idioma italiano fosse pouco desenvolvido como língua de uso dos migrantes neste país, e para que fosse até mesmo interdito institucionalmente em sua prática, entre os descendentes de italianos.

Essa proibição feita pelo Estado Brasileiro aos migrantes em massa não acontece do mesmo modo para os migrantes de deslocamentos esparsos, pois esses últimos não chegam a representar perigo à Nação, como os migrantes em massa. A esses sujeitos não se apresenta, portanto, do mesmo modo, a memória da interdição da língua. Isso resultará em diferenças na sua relação com a língua materna e também com a língua nacional do Brasil.

Payer (2006) contribui significativamente para a compreensão desta questão, ao estudar detidamente o processo de nacionalização dos migrantes do período republicano, desde o início do Século XX, ao mostrar o que diz o Presidente Getúlio Vargas sobre a unidade da língua e do pensamento nacional, conforme o discurso nacionalista desse contexto.

Um país não é apenas um conglomerado de indivíduos dentro de um trecho do território, mas principalmente a unidade da raça, a unidade da língua, a unidade do pensamento nacional [...] falamos a mesma língua, temos a mesma história, a mesma religião. (Vargas, apud Payer, 2006, p. 81).

Ao estudar a interdição da língua no contexto de forte nacionalismo e relacioná-la ao nacionalismo que é próprio a todo Estado Nacional, esta autora nota que o contexto da guerra contribui para o culminar (sempre incompleto) de um processo de nacionalização dos imigrantes do período republicano já iniciado há mais tempo, desde o início do Século.

O trabalho de Zink-Bolognini (1996) sobre a interlocução entre os lugares de enunciação dos alunos brasileiros e alemães traz um estudo histórico significativo para compreender as campanhas de difusão da língua nacional brasileira nos anos de 1920, da qual participou ativamente o poeta Olavo Bilac, tanto para a população de modo amplo quanto para a população de imigrantes.

Nesse sentido, as pesquisas sobre a linguagem e a memória dos imigrantes no Brasil contribuem para compreender a relação entre a língua nacional brasileira e as línguas dos imigrantes, como especificam PAYER e BOLOGNINI (2005):

“Os imigrante entraram no país e trouxeram as suas línguas maternas: outras histórias, outras ideologias. E o modo pelo qual eles foram constituídos por suas línguas maternas foi determinante da forma pela qual eles se relacionaram com o Português e com o Brasil. Para os imigrantes, o Português era a Língua do Estrangeiro, do diferente. A maneira pela qual se deu a entrada e a adaptação do imigrante no novo ambiente (dos falantes de Português) estava articulada com a forma pela qual eles se relacionaram com o aprendizado do Português (idem, p. 3).

Assim, junto ao funcionamento da memória discursiva na fala dos entrevistados, consideraremos também, na pesquisa, a ação de uma “memória da língua” (Payer 2006). No caso de sujeitos imigrantes do primeiro grupo, a língua, funcionando como “lugar de memória”, indica o retorno e/ou a presença da língua que foi interditada oficialmente na vida pública, e silenciada no processo histórico, pela língua nacional e de uso do sujeito no Brasil. Conforme a autora, que estudou o processo de interdição das línguas dos imigrantes e seus resultados na língua atual, há vestígios na memória da língua que foi apagada da história. No

entanto, as marcas de silenciamentos e apagamentos não são facilmente reconhecíveis na prática de linguagem pelos sujeitos falantes, pois “funcionam sob a forma do esquecimento. É no esquecimento do silenciamento da língua dos antepassados que os processos [de identificação] se instalam na relação sujeito/língua” (Payer 2010,) E é graças a esta relação, também, que o esquecimento da língua materna pelos imigrantes não é total. Pois, como afirma Orlandi (1992), “sujeito e sentido se constituem simultaneamente”, e, nas palavras de Guimarães (2008) “só há língua porque há sujeito e só há sujeito porque há língua”.

Nesse sentido, esses estudos indicam que uma língua não é apagada, esquecida completamente por um sujeito que a praticou durante muito tempo. Com ela, de algum modo, ele pode ainda ler o mundo e dar sentido a ele. A língua esteve ou está em silêncio, mas mesmo o silêncio é pleno de sentido. De acordo com Orlandi (2005), há um silêncio que opera em contradição ao que diz o senso comum: “quem cala consente”.

Em seu trabalho “Processos de Identificação Sujeito/Língua. Ensino, Língua Nacional, Língua Materna”, retomando Gadet e Pêcheux (1981), Payer, (2007) explicita a noção de língua nacional como a língua elevada a esta categoria pelo Estado Nacional, formadora dele, e que regula a presença de outras línguas em seu território. Assim, adiantando a discussão dos fatos encontrados nas análises, neste nosso trabalho, tal dizer é importante sob o ponto de vista de se estabelecer um contraste entre os diferentes movimentos e a relação com a língua, no sentido de que o sujeito imigrante “esparso” não foi submetido diretamente, enquanto grupo, a essa mesma regulação (proibição) da sua língua materna no Brasil, país que os recebe, tal como foram os imigrantes em massa, uma vez que esta língua, pelo número de seus falantes como cidadãos e pela expressividade dos imigrantes, chegava a significar de modo importante diante da constituição da identidade (unidade) linguística nacional.

Embora não estejamos tratando diretamente com imigrantes em massa do período republicano, mas com imigrantes em massa apenas, vale observar que os do período

republicano foram objeto de um longo processo de nacionalização, oficialmente implementado já desde o início do século XX, e que teve no episódio da guerra um desfecho significativo, que funcionou também como um “argumento” no bojo do processo da nacionalização:

No processo de nacionalização, as línguas dos imigrantes, tendo sido interpretadas, no jogo político-ideológico, como línguas nacionais de outros países presentes no território brasileiro, foram juridicamente interditas no contexto das duas grandes guerras – muito embora estes acontecimentos tenham funcionado também, conforme a nossa leitura dos documentos, como um argumento pela nacionalização que foi decisivo para o processo que já se encontrava instalado há mais tempo (Payer, 2006)

Outras considerações importantes sobre a interdição de uma língua, que funciona como língua materna para os sujeitos, são tecidas pela autora, a partir das contribuições feitas por Christine Revuz (1997) sobre os sentidos de língua materna. Ao refletir sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira, esta autora descreve, com certas minúcias interessantes, os sentidos da língua materna para o sujeito.

O exercício requerido pela aprendizagem de uma língua estrangeira se revela tão delicado porque ao solicitar, a um tempo, nossa relação com o saber, nossa relação com o corpo e nossa relação com nós mesmos enquanto sujeito-que-se-autoriza-a-falar-em-primeira-pessoa, solicitam-se as bases mesmas de nossa estruturação psíquica, e com elas aquilo que é, a um mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua materna. (Revuz, 1997, p. 217).

Acrescenta esta autora ainda outros sentidos sobre a língua materna, que serão considerados em nossa pesquisa, ao procurar identificar as relações dos imigrantes de diferentes grupos com as línguas materna e nacional:

O encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com nossa língua. Esse confronto entre

primeira e segunda língua nunca é anódino para o sujeito e para a diversidade de estratégias de aprendizagem [ou de não aprendizagem] de uma segunda língua, que se pode observar quando se ensina uma língua e se explica, sem dúvida, em grande parte pelas modalidades desse confronto. (Revuz, 1997, p. 215)

A partir das reflexões dessa autora, Payer (idem) indica como fica compreensível a impossibilidade de “esquecer” a língua materna, no momento de aprender a língua estrangeira, neste caso, a língua nacional brasileira. E, como demonstrou em seus estudos, também é compreensível a impossibilidade de “esquecer” a língua materna no processo de nacionalização, na integração do imigrante ao novo país, mesmo com a sua inscrição sendo feita na língua nacional.

Essas considerações serão importantes em nossa pesquisa para entender as “diferentes dimensões” da língua, como materna e como nacional em seu funcionamento nos diversos grupos de sujeitos imigrantes que estudamos. Essas diferentes dimensões de língua materna e língua nacional são entendidas, conforme Payer (2010), como dimensões da linguagem que são da ordem da memória discursiva, como memória da língua. Deste modo, língua nacional e língua materna não coincidem, nem empírica e nem teoricamente, e ainda, é impossível ao sujeito descendente de imigrantes transitar do estatuto da sua língua materna a de sua língua nacional sem ter de mudar de materialidade linguística. E é este ponto que apresenta consequências para o ensino na sociedade brasileira multilíngue, que nos interessa compreender também enquanto professor de língua portuguesa.

Para se estudar as diferentes dimensões da língua, como materna e como nacional, vale ressaltar ainda o sentido de língua nacional.

Gadet e Pêcheux (1981), autores já mencionados brevemente acima. A língua nacional é como um elemento central através do qual o Estado realiza seu ideal de unidade jurídica, propagando a unidade linguística e realizando a homogeneização da língua e do sujeito, ao

instalar a forma de convivência social da cidadania, que tem a propriedade de se apresentar nas formas da universalidade [igualdade]. Para se tornar cidadão, o sujeito precisa “abrir mão de seus costumes locais e suas línguas maternas”.

Para as análises desta nossa pesquisa sobre diferentes sujeitos imigrantes, o interesse é pensar em como se dão as identificações com as línguas, nesses diferentes estatutos. E a compreensão deste tema pode levar a contribuições para o ensino de língua. Pois, como diz esta autora, este reconhecimento tem o valor de desdobrar o funcionamento da língua para um mesmo sujeito. Tanto a língua materna quanto a língua nacional o constituem. Se este desdobramento da língua(gem) pode ser observado mais claramente na imigração, ele pode, entretanto, ser igualmente encontrado em outras situações, para qualquer sujeito.

Orlandi (2001) introduz questões fundamentais sobre a formação da língua nacional brasileira, seu processo de institucionalização e sua história. Nesta obra, encontramos o tema da diversidade de línguas (indígenas, língua geral, africanas) presentes na história do Brasil, além da língua portuguesa que, como língua dos colonizadores, instalou-se como língua do nacional, difundindo-se por todo o território.

Guimarães (2004) trabalha sobre o papel da língua nacional e da língua oficial, com a questão do predomínio político, a partir da qual se organizam outras línguas, no espaço de enunciação do território nacional. Além desses estudos mais voltados para o estatuto das línguas, procuramos observar, ainda, como funciona o papel da memória discursiva nestes sujeitos imigrantes, em relação à língua e aos sentidos, com base na obra intitulada “O papel da Memória”, de Michel Pêcheux (1999). É importante ressaltar que não estamos trabalhando com a memória no sentido de memória cultural, por considerar que esse sentido em muito pressupõe uma memória homogênea. Conforme este autor,

Uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido

homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra discursos (Pêcheux, 1999, p. 56).

A memória é, nesse sentido, algo que está em constante movimento, em constante reestruturação. Poderíamos concebê-la como um lugar de deslocamentos, de constantes (re)arranjos, determinados pelo seu funcionamento, que nunca cessa. Ela está, nesta perspectiva, sempre se constituindo e se (re)definindo. O conteúdo que nela habita não pode ser tomado enquanto homogêneo. Ele é heterogêneo, pois está condicionado à situação sócio-histórica de ativação daquilo que já foi dito, pelo interdiscurso, ou que segue potencialmente a lógica do que poderia ser dito.

Pela memória, aquilo que é dito pode ser repetido infinitas vezes, porém o sentido será sempre outro, dada a condição histórica da enunciação. Conforme E. Orlandi (2005), na linha de pensamento de Pêcheux, entende-se que tudo o que um sujeito enuncia, pertence a um universo maior, que nada mais é que o conjunto dos dizeres, o interdiscurso, a memória discursiva. É neste sentido que ela acrescenta: “as palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas palavras’” (Idem, p.32).

Charaudeau & Maingueneau (2004) assinalam sobre memória discursiva, que o discurso está atrelado à memória de maneira constitutiva, focando dois planos importantes: o da textualidade e o da história. Nas palavras desses autores, o discurso vai tecendo progressivamente uma memória intratextual. Ao produzir um enunciado, podemos nos lançar a um enunciado já dito.

Como percebemos, o sujeito imigrante, ao se deparar com a língua nacional, retoma, por meio da memória discursiva, a língua materna e a torna presente no seu enunciado,

havendo um choque entre as duas línguas com que ele se defronta. Como afirma Payer (2007, p.5) sobre esses diferentes estatutos das línguas, que pela história não coincidam:

Diremos mais sobre a não coincidência entre língua nacional e língua materna, a partir do estudo da imigração. Não só estas línguas e estes conceitos não coincidem, como também se encontram em uma forte *tensão* entre si, como temos enfatizado, e estas são observações intimamente associadas. Sendo assim, os sujeitos de linguagem, em seus processos de identificação na relação com as línguas e suas memórias, têm que lidar simultaneamente com a língua nacional do Estado e a língua materna. (Payer, 2007)

Guimarães, em obra intitulada “Os Limites do sentido” (1995), se propõe a entender a definição de interdiscurso. Para ele, o interdiscurso é a relação de um discurso com outros discursos, observando que essa relação entre os discursos não se dá de forma particularizada, definida. Retomando Orlandi (1992, 89), o autor diz que “o interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido” ). Desta forma, o enunciável é também exterior à língua e ao sujeito.

Orlandi (1992) trata do silêncio, em relação à linguagem e ao político, ressaltando sua importância e o seu modo de significar.

[...] o silêncio não é mero complemento da linguagem. Ele tem significância própria. E quando dizemos fundador estamos afirmando esse seu caráter necessário e próprio. Fundador não significa “originário”, nem o lugar do sentido absoluto. Nem tampouco que haveria, no silêncio, um sentido independente, autossuficiente, preexistente. Significa que o silêncio é garantia do movimento de sentidos (Orlandi, 2007, p. 23).

Reafirmando a importância do estudo do silêncio e do silenciamento, Payer (2006) mobiliza essas noções e constata, no processo de nacionalização da imigração em massa, um “silenciamento local” (interdição explícita) dos imigrantes em relação à sua língua materna, como forma de preservação e difusão da nacional.

A partir desse silenciamento, estudando o modo como traços da língua materna se apresentam na materialidade da linguagem atual dos sujeitos, e a sua relação com a língua nacional, Payer propõe que se considere a distinção entre as “dimensões” de língua materna e de língua nacional na constituição dos sujeitos. Essas dimensões funcionam, às vezes, na “mesma língua”, em sujeitos monolíngues (Payer, 2011).

A partir dessas considerações, pode-se pesquisar como se dá esta distinção, ou seja, em que consistem essas diferenças no funcionamento dessas línguas, para os três tipos de sujeitos imigrantes analisados: os de movimentos de massa, os de imigração esparsa e o do pós-guerra. E, também, podem-se analisar os modos de identificação dos sujeitos com as línguas nesses distintos movimentos.

É preciso levar em conta em nosso trabalho que, como diz Rêvuz, (idem), “o “eu” da língua estrangeira não é, jamais, o da língua materna”. E que, como diz Payer (idem), a tensão entre as línguas se produz na história, enquanto línguas distintas e concorrentes, mas também se reproduz na atualidade, pelos efeitos de memória ligada a elas, que atingem as identificações dos sujeitos, e funcionam como memória discursiva.

Foi importante também para nossa pesquisa a noção de arquivo, tal como é compreendida pela Análise de Discurso. O arquivo nesse campo é entendido como um conjunto de documentos disponíveis sobre uma questão. Para a Análise do Discurso, o *arquivo* é entendido como zonas de memória a que o sujeito teve acesso e a partir das quais se submeteu, de forma prévia, às regiões daquilo que já está lá e que retomou para significar-se. Segundo Orlandi (2005), o processo de interpretação não é livre, pois é determinado de modo desigual na formação social. Além da memória constitutiva do sujeito, ou interdiscurso, a interpretação também é determinada pela memória do arquivo, que separa quem tem ou não direito a interpretar. O arquivo nesse sentido, como discurso, ultrapassa a noção de documento empírico, pois ele dá a possibilidade daquilo que se pode dizer. Por princípio, o

discurso, por não ser fixo, sofre, constantemente, transformações, determinadas pelas condições de produção sociais, políticas e históricas. Por assim dizer acerca do discurso observado como ação social, Orlandi (2007, p.15) afirma que “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é, assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”.

A fim de melhor compreender as questões que se apresentam para os sujeitos de linguagem nas situações de imigração, e melhor definir o dispositivo analítico da pesquisa, ao longo do texto que segue complementaremos as análises com outros estudos sobre o tema, considerando outros trabalhos já realizados sobre línguas e imigrantes, como os outros que se apresentarem como significativos.

## CAPÍTULO SEGUNDO

### METODOLOGIA. CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E RELAÇÃO COM OS ENTREVISTADOS

Em AD, a metodologia da pesquisa supõe, como foi dito, análise de um *corpus* de materiais discursivos onde uma questão discursiva pode ser analisada. O *corpus* pode ser de arquivo ou experimental. Nesta pesquisa, trabalhamos com a montagem de um *corpus* experimental.

O material que analisamos foi colhido no período de março de 2011 a janeiro de 2012, nas cidades de Cambuquira e Pouso Alegre, no Sul de Minas Gerais. Conforme já foi mencionado, foi feito previamente um questionário com perguntas em cujas respostas poderíamos encontrar indícios que nos permitiriam responder, à luz da teoria estudada, à pergunta central da pesquisa que é sobre a diferença que existe na relação com a língua materna e com a língua nacional para sujeitos imigrantes de diferentes processos migratórios: o primeiro grupo, os que vieram de uma imigração esparsa; o segundo, os que vieram em massa; e um terceiro grupo, aqui denominado Pós-Guerra.<sup>2</sup> Para cada um desses grupos entrevistamos sujeitos, como representantes, constituindo de uma espécie de amostragem.

Pronto o questionário, foi realizada uma sondagem das prováveis localidades (municípios, sítios) onde poderiam ser feitas as entrevistas, de forma que nenhuma interviesse de forma direta na outra, ou seja, de modo que os entrevistados não soubessem antecipadamente das perguntas ou respostas já trabalhadas por outros, para evitar que as respostas fossem formuladas previamente e influenciadas pela resposta do outro, pois, neste caso, poderíamos perder a espontaneidade e com ela as marcas linguísticas importantes para a nossa pesquisa.

---

<sup>2</sup> As perguntas do questionário encontram-se em anexo, juntamente com suas respectivas respostas.

Foram entrevistados oito sujeitos. As entrevistas foram feitas nas casas dos entrevistados, exceto uma, na qual o entrevistado foi à casa do entrevistador.

Como se trata de região rural, conhecendo a sua dinâmica de interlocuções, procedemos do modo como segue. Depois de alguns contatos iniciais, as entrevistas foram agendadas previamente. Procuramos manter com os entrevistados uma relação informal e atenta, de modo que se sentissem à vontade para falar de seus processos de significação quanto à língua, em entrevista, com tudo o que ela implica.

Em primeiro lugar, foi preciso que os entrevistados ficassem tranquilos com a presença de um entrevistador, sobretudo por ter às mãos um gravador de voz. Entretanto, apesar desse cuidado, ou até mesmo por ele, houve uma surpresa, pois notamos que em nada os incomodou a presença do aparelho para registro da entrevista. Ao contrário, notamos que todos os entrevistados, sem exceção, mostraram-se preocupados em saber se realmente estava sendo gravada a voz deles, para as posteriores análises, e demonstraram forte interesse pelo tema e também pela realização da pesquisa. Num primeiro momento, nesta etapa, apresentamos uma síntese geral de cada entrevistado, levando-se em consideração como foi a sua história de imigração, bem como as condições do momento das entrevistas. Consideramos que essa apresentação geral de cada sujeito entrevistado, relacionado ao grupo de estudo que representa, contribui para uma melhor compreensão de seus dizeres, adiante.

#### *1. Representantes do grupo dos imigrantes esparsos*

Como representantes do primeiro grupo, o dos imigrantes esparsos, foram entrevistados os seguintes sujeitos .

*Mauro Pepe* - O entrevistado N°. 2 foi o Senhor Mauro Pepe [M.P.]. Ele tem 73 anos. Nasceu na Itália e veio para o Brasil logo depois de se aposentar (aos 65 anos). Casou-se com uma brasileira e mora hoje na cidade de Cambuquira. A segunda entrevista encontra-se no anexo como “Entrevistado N°. 2”.

*Laura Pannone* - A terceira pessoa entrevistada foi a Senhora Laura Pannone [L.P.]. Tem 49 anos, nasceu na Itália e veio com o pai e com a irmã para o Brasil, quando pequena, com 7 (sete) anos. Hoje é professora dos anos iniciais da Educação Infantil na cidade de Cambuquira, onde mora. Sua entrevista encontra-se no anexo como “Entrevistada N.º 3”.

*Davide Di Benedetto* - A sétima pessoa entrevistada foi o Senhor Davide Di Benedetto [D.B.]. Tem 24 anos. Veio criança para o Brasil com os pais. Atualmente mora em Cambuquira, MG, onde trabalha com o pai como auxiliar em uma empresa. Sua entrevista encontra-se no anexo como “Entrevistado N.º 7”.

*Paolo Panonne* - A oitava pessoa entrevistada, que foi o Senhor Paolo Panonne [P.P.], de 49 anos, veio com cerca de 30 anos para o Brasil com o pai, com o objetivo de trabalhar nos negócios da família, na época um abatedouro de frangos. Coursou os estudos iniciais na Itália, onde, também, estudou sobre psicologia. Trabalha no Brasil. A oitava pessoa entrevistada encontra-se no anexo como “Entrevistado N.º 8”.

## 2. *Representantes do grupo dos imigrantes em massa:*

*Como representantes do segundo grupo, o dos imigrantes em massa, foram entrevistados os seguintes sujeitos:*

*Dino Girardelli* - Senhor Dino Girardelli [D.G.] [76]. Nascido em Trento na Itália, veio para o Brasil com outros italianos de uma ordem religiosa. Desse modo, aqui, conviveu com outros italianos. Foi o quinto entrevistado, encontrando-se no anexo como “Entrevistado N.º 5”.

*Massimo Benbassi* - Senhor Massimo Benbassi [M.B.] [55], nasceu na Itália e veio para o Brasil a fim de ajudar projetos sociais da Igreja Católica. Foi a sexta entrevista e encontra-se no anexo como “Entrevistado N.º 6”.

## 3. *Representantes do grupo dos imigrantes do Pós-guerra*

Como representantes do terceiro grupo, do Pós-guerra, foram entrevistados os seguintes sujeitos:

*Francesco Pastore* - O primeiro entrevistado foi o Senhor Francesco Pastore [F.P.]. Ele tem 73 anos e nasceu na Itália. Ainda criança, com 7 (sete) anos, (em 1945), veio para o Brasil com a família, com o intuito de “formar nova vida”. De início, morou na cidade do Rio de Janeiro e depois se mudou para o Sul de Minas Gerais, especificamente para a cidade de Cambuquira, na qual mora até hoje e de onde – segundo ele próprio – jamais pretende sair. A primeira entrevista encontra-se no anexo como “Entrevistado N.º 1”.

*Lucciano Turchetti* - Senhor Lucciano Turchetti [L.T.] [83], que nasceu em Pádua na Itália e veio com outros imigrantes para trabalhar no Brasil [com 21 anos] e também para refugiar-se da Guerra que assolava a Europa. É casado com filha de italianos. Com ele fizemos a quarta entrevista que se encontra no anexo como “Entrevistado N.º 4”

As análises das entrevistas atendem à metodologia da Análise do Discurso. Ou seja, aqui não estamos trabalhando com Análise de Conteúdo. A análise do conteúdo procura extrair sentidos do texto, da entrevista, reproduzindo o que foi dito por eles, enquanto esta outra forma de análise considera que os sentidos não estão prontos já lá na linguagem, que esta não é transparente, e considera o texto tendo uma materialidade simbólica própria e significativa e com uma espessura semântica, ou seja, não leva em consideração somente um texto analisado para compreender e identificar os significados presentes nele. São consideradas, ao invés disso, as condições de produção de um determinado discurso, o que compreende os sujeitos, a situação e a memória discursiva. E é considerada sobretudo, a materialidade da linguagem, que é linguística e histórica ao mesmo tempo, as estruturas, as interrupções, as pausas, os silêncios, as denominações, entre outros elementos. Os sujeitos são os produtores desse discurso na entrevista influenciados sempre pela exterioridade na sua relação com os sentidos, pela memória discursiva e da língua. A situação trata do contexto,

imediatamente ou amplo, levando sempre em consideração tanto o momento histórico que se estava vivendo na época da sua produção, quanto a memória discursiva, que é o que sustenta os dizeres desse discurso, tudo que já se disse sobre o assunto tratado, mas que se tornou esquecido, e no entanto reaparece na linguagem, nas marcas linguísticas. Entendemos que nem os sentidos, nem os discursos já estão prontos e acabados, nem são claros, e estão sempre se fazendo, estão sempre em movimento. E essa incompletude é que condiciona a linguagem e cria os diferentes sentidos de um discurso [ORLANDI, 1999]

Também vamos trabalhar a noção de formação discursiva, como o que determina o posicionamento ideológico em um discurso. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam, ou seja, a partir do momento em que relacionamos os diferentes sentidos que se pode ter de uma determinada palavra com o sujeito que a usa em seu dizer, e com a memória discursiva que o sustenta. Isso nos permite compreender o processo de produção dos sentidos e sua relação com a ideologia, levando-nos cada vez mais próximos ao sujeito e dos efeitos de sentido. A Análise de Discurso não procura o sentido ‘verdadeiro’, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica.

Nas análises, conforme os procedimentos da análise de discurso, num primeiro momento, foram identificadas as marcas linguísticas que indicam os processos de significação. Ou seja, a partir de algumas expressões, pudemos atentar para as marcas linguísticas capazes de significar o sujeito enquanto imigrante e a língua.

Em seguida, foram relacionadas essas marcas com os objetos discursivos presentes nas entrevistas e com a memória discursiva. Ou seja, observou-se como a memória discursiva se inscreve na materialidade histórica da linguagem.

E, por último, procurou-se relacionar as marcas linguísticas ao processo discursivo e perceber a relação da língua com as condições de produção sócio-históricas do discurso, que ultrapassam o contexto imediato das entrevistas.

## **CAPÍTULO TERCEIRO**

### **Relação entre os sujeitos imigrantes e as línguas**

Vamos, neste capítulo, à luz da teoria estudada, analisar a materialidade linguística presente nas entrevistas, a fim de responder à pergunta que norteia nossa pesquisa, conforme o que se encontra nas próprias palavras e caracterizações discursivas dos entrevistados. Para organização do corpus, enumeramos as entrevistas (de um a oito) e as colocamos à disposição, no anexo, no final deste trabalho.

Nas análises, procuramos identificar sobretudo, por meio da materialidade linguística, as diferentes relações entre língua materna e língua nacional presentes para esses sujeitos de diferentes tipos de imigração.

Vale aqui evidenciar as diferenças entre os sentidos de língua nacional e de língua materna para os sujeitos imigrantes. Não é o caso de estabelecer, pois, um paralelo simples entre língua nacional e materna (constituída de italiano ou de português com traços de língua italiana). Cabe a nós salientar as peculiaridades apreensíveis na materialidade que as constitui para, então, analisarmos o que, a nosso ver, está inscrito em discursividades que nos ajudarão a responder à pergunta de nossa pesquisa.

As entrevistas feitas nos possibilitaram reconhecer que, de fato, há uma tensão entre a língua nacional do Brasil e a língua materna no que dizem os imigrantes. Ademais, é possível entender que certos traços da memória da língua materna voltam ao sujeito por meio de uma materialidade que ele mesmo (o sujeito) não controla, conforme apontado por Payer (2006). E por isso, o que é memória discursiva na língua materna, pode materializar-se também em língua nacional.

Em primeiro lugar, já durante as entrevistas, algumas vezes, notou-se que os entrevistados sentiram a necessidade de se auto denominarem “italianos”. Isso foi marcado, de forma clara, na fala dos imigrantes esparsos e do pós-guerra.

***Entrevistador:** Qual foi ou quais foram os principais motivos da imigração da sua família?*

***L.P.** Foi a trabalho. Na verdade, meu pai – nós somos italianos, né – ele sempre teve esse espírito empresarial de trabalhar em outros países.*

Já a fala dos imigrantes em massa não denuncia uma necessidade de se auto-afirmarem como sendo italianos. Diferente disso, eles, geralmente, consideram-se italianos e brasileiros concomitantemente.

***D.G.** Eu ainda tenho um pouquinho de sotaque de italiano, [...] Portanto um tanto de cambiare foi feito, mas tem ainda um pouco de sofrimento ainda, mas io fui no Espírito Santo no meio da floresta naquele tempo onde no tinha luz elétrica, no tinha telefone, para chegar uma carta da Itália gastava mais de um mês. E depois a gente se acostumou que até me naturalizei brasileiro.*

Vale aqui salientar essas diferenças da imagem que sujeitos de diferentes tipos de imigração tratados neste trabalho fazem de si mesmos. Em um caso, há a auto-denominação como italianos. Em outro, além de sua ausência, há a nomeação dos sujeitos como brasileiros. Por terem históricos e memórias discursivas diferentes, a maneira como se veem e se denominam constitui-se de maneiras diversas quando comparados os tipos de processos de imigração.

Ao dizer que “ainda tem sotaque italiano”, podemos pensar que é por meio da língua que o sujeito se imagina eternamente ligado às raízes culturais, embora afirme que se tenha naturalizado brasileiro. Assim, reaparece o sentido do que pertence ao “materno”, que se torna indelével, mesmo que o sujeito esteja exposto a terras, sentidos, discursividades estrangeiras – neste caso, brasileiras.

As entrevistas com sujeitos aqui em nosso trabalho denominados de imigrantes esparsos (que vieram isoladamente de outras famílias) apresentam marcas linguísticas capazes de inscrever no tempo e no espaço a relação sujeito x nacionalidade. Note-se, pois, que o verbo *ser* – usado no tempo presente “*somos*” (em “*Foi a trabalho. Na verdade, meu pai – nós somos italianos, né*”) – pode marcar um efeito de sentido de que é sempre assim. Além disso, a presença do elemento “*né*” – aqui como um marcador conversacional – pode ser compreendido como um reforçador do verbo “*ser*”, como se o entrevistado dissesse: *você sabe que somos... né?*

Como mencionado acima, há, explicitamente, neste fragmento, uma marca de identificação a uma nacionalidade, que pode significar ao interlocutor que, embora esteja em terras brasileiras, a relação de pertença à Itália é forte e indissolúvel, ainda faz sentido em termos de suas identificações no discurso. A força deste efeito é produzida também pela inserção parentética, [meu pai – nós somos italianos, né?], que interrompe o fio sintático para “lembrar” este elemento, que está no interdiscurso, na memória do seu dizer.

Com tal afirmação, é possível dizer que o sujeito se constitui através da memória discursiva da imigração e realiza na enunciação um gesto de identificação e afirmação da nacionalidade do país de procedência, embora esteja interagindo já há muito tempo no país de chegada.

Além disso, podemos perceber na fala de [L.P] que o motivo pelo qual sua família veio ao Brasil foi muito mais do que financeiro. A entrevistada afirma que houve uma identificação muito forte com o Brasil.

**Entrevistador:** *Qual foi ou quais foram os principais motivos da imigração da sua família?*

**L.P.** *Foi a trabalho. Na verdade, meu pai – nós somos italianos, né – Ele sempre teve esse empresarial de trabalhar em outros países. Só que, no caso do Brasil, ele veio a passeio, apaixonou pelo Brasil e comprou primeiro uma fazenda no norte do Brasil. Depois veio pra Minas e colocou atividade aqui. (...)*

Nos relatos de interação entre os falantes, vemos que o português e o italiano, por mais diferentes que sejam, fazem emergir memórias que são comuns às línguas neolatinas, o que tornou possível certa comunicação, mesmo nessa diferença.

Outro elemento que nos parece interessante notar nas falas do imigrante do pós-guerra, sobretudo, assim como nas dos imigrantes em massa, nota-se um certo tipo de silenciamento que, entretanto, é prenhe de sentidos. O silêncio é, segundo Orlandi, uma forma de dissenso, uma forma de resistência. Os vestígios da língua silenciada em algum momento aparecem, e ganham “vida” de diversas formas, seja na pronúncia de determinados sons, seja no vocabulário, na sintaxe, na morfologia, seja na forma de imitação estereotipada ou até mesmo de um riso (Payer, 2007).

***Entrevistador:** Qual foi o motivo da imigração?*

*L.T. A Guerra. Minha mãe tinha muito medo da Guerra. Porque nós passamos a última guerra mundial. Minha mãe tinha pavor de uma outra guerra. No entanto ela fez de tudo pra me mandar embora. O motivo maior é esse.*

Neste caso, a frase nominal inicial (A guerra), assim posta e interrompida, quebrada, nesta pontuação, leva o interlocutor a refletir sobre os efeitos da guerra na questão do processo de imigração. Também a repetição da lexia “guerra” produz o efeito de um *ritornelo*, elemento chave que dá suporte à memória do dizer, à explicação fixada da imigração, a um dizer pré-construído que retorna de imediato, para o ouvinte, na interlocução atual.

É possível, pois, perceber também na enunciação de outro entrevistado da imigração Pós-guerra, Francesco Pastore, ao falar do que ocasionou a sua vinda para o Brasil, uma interrupção no dizer, uma “respiração” curta, uma enunciação breve.

***Entrevistador:** Qual foi ou quais foram os principais motivos da imigração da sua família?*

*F.P. Segunda Guerra Mundial. A Guerra, de fato, espantou bastante gente da Itália.*

*[Silêncio]*

*Da Europa toda. Mas, principalmente da Itália pra cá, pro Brasil, pros Estados Unidos. Acho que, na época, pro Brasil vieram muito mais.*

Ao dizer esta frase nominal, como ficou conhecido aquele conflito internacional, com muita convicção, como resposta pronta, Francesco Pastore nos parece interpelado por um discurso que, na época dessa imigração, predominava entre os sujeitos italianos e os convocava a perceber que a Europa já não era a mesma e que somente a saída das terras italianas poderia lhes possibilitar uma vida digna. O motivo, o “argumento” da imigração é dado como pronto e acabado. É um sintagma que vem prontamente no dizer deste imigrante.

No modo de aparecimento deste sintagma, no enunciado, também existe uma marca de silêncio. E conforme já trabalhado neste texto, o silêncio é pleno de sentido. Faz pensar na relação deste imigrante com a situação histórica em que esse silêncio se situa. Em relação à imigração em massa, o motivo da vinda dos italianos parece aqui ser bastante claro. Na verdade, os imigrantes em massa - aqui compreendidos como aqueles que vieram com outras famílias para o Brasil - têm uma forte relação com a Segunda Guerra Mundial. E isso produz efeitos de sentido. Para entendermos os efeitos de sentido, no parágrafo abaixo poderemos observar que o real da história interfere na língua.

De fato, a Guerra foi um motivo forte para os imigrantes italianos, entre outros. E mesmo os imigrantes em massa, que vieram para o Brasil a fim de trabalhar, de certo modo foram influenciados pela Guerra que fez da Itália, assim como de resto a Europa, um lugar difícil para se viver naquele momento.

O silêncio, materializado na pontuação curta, é, então, pleno de sentido. Há espaços de silêncio que, produzidos na história, são também índices da própria história particular de cada sujeito em sua relação com a linguagem. Aqui, observa-se que o sujeito imigrante, ao silenciar-se, o faz através de traços discursivos que trazem à memória fatos e situações que, para ele, são carregados de significação. Para torná-lo visível, é preciso observá-lo indiretamente por métodos discursivos, históricos, críticos.

*F.P. “Acho que, na época, pro Brasil vieram muito mais. O nosso destino, na época, talvez seria os Estados Unidos. Mas quando o meu pai andou descobrindo estas coisas (prefiro não falar) ele deu preferência cem por cento no Brasil.”*

Aqui, é interessante pensar na discursividade presente no silenciamento do entrevistado que diz: *prefiro não falar*. É possível perceber como o silêncio materializado na história produz efeitos de sentido na entrevista atual desses sujeitos.

Podemos destacar outro ponto em nossas análises, em relação à língua. Em se tratando da aprendizagem da língua nacional do Brasil por parte dos imigrantes em massa, é fundamental pensar, por meio da materialidade do dizer dos entrevistados, que há um silenciamento também do que é de natureza linguística materna, própria dos imigrantes, para que, então, a língua nacional seja predominante neles.

Por meio das análises, pudemos perceber que, para os sujeitos, falar italiano ainda hoje traz à tona muitas recordações e saudades. Ao explicitar que prefere não falar, entende-se como a língua – e aqui a língua materna – traz à memória muitas lembranças. Os sentidos aquietados – que ele prefere não falar - podem ser entendidos como um silêncio do que já fez sentido para o sujeito e por meio da memória da língua ainda é pleno de sentido, e que, entretanto, ele prefere não enunciar.

Além do funcionamento da memória discursiva na fala dos entrevistados, consideramos também na pesquisa a ação de uma “memória da língua”, no sentido trabalhado por Payer (2006). A língua como “lugar de memória” na atualidade indica o retorno e/ou a presença da língua materna interdita, silenciada pela língua nacional.

Aqui vale pensar que esse silenciamento de que tratamos é perceptível em sujeitos do pós-guerra e em massa. Este efeito do silenciamento não aparece nas entrevistas com os imigrantes esparsos. Conforme (Payer, 2006), “a língua apagada na história deixa seu vestígio na memória, como marca mesma do que foi apagado”. É interessante notar que, nos sujeitos

de grupos de imigrantes que não tiveram a experiência histórica do silenciamento da língua materna, não se encontram marcas desse silenciamento e de retorno do que fora apagado, como ocorre com outros grupos.

No entanto, mesmo quando ocorrem, nas entrevistas dos imigrantes em massa, estas marcas não são facilmente reconhecíveis, pois “funcionam sob a forma do esquecimento. É no esquecimento do silenciamento da língua dos antepassados que estes processos se instalam na relação sujeito/língua” (Payer, 2010).

Observemos o fragmento seguinte.

***Entrevistador:** Que lembranças você tem quando ouve uma música em italiano ou uma pessoa falando em italiano?*

***L.T.** A música arrepia, né. Ainda mais a música mais clássica. Eu me arrepio. Gosto de música. Depois eu acho que, às vezes, pessoa que não é acostumado não entende o que a gente sente. Traz muitas lembranças dos amigos que ainda estão lá. A lembrança, quando na Itália eu vou na casa desse meu amigo. Depois de 50, 60 anos, muda tudo. A lembrança é maior quando junta tudo.*

***F.P.** Lembrança da época. Além da lembrança, bastante lágrima. Saudades de outros tempos. Esses dias me trouxeram um DVD de música italiana. Sinceramente, chorei. Dá para chorar. A gente arrepia.*

É interessante notar que ambos os entrevistados falam que ouvir a língua materna, sobretudo cantada, “arrepia”. Aqui está um elemento de manifestação corporal dos sentidos, relacionado aos efeitos da língua materna sobre o corpo, como uma resposta corporal à escuta da língua materna.

Entendemos que, embora esteja silenciada, a língua permanece significativa e presente na memória e na constituição do sujeito. Antes, pois, de o sujeito – e aqui dizemos dos três tipos de imigrantes a que nos referimos neste nosso trabalho – se comunicar em língua nacional, ele se constituiu como sujeito em língua materna, carregada de traços significativos e que produz efeitos de sentido, afetando-o de forma forte e tornando-se indelével.

Dentro de nossa linha de estudo, contribui significativamente para a compreensão desse funcionamento da memória o trabalho de Andréas Huyssen (2000). O autor procura entender fenômenos associados à memória. Para ele, depois da década de 1980, houve um grande interesse pelos dias que já se passaram. Para o autor, a sociedade tenta esquivar-se do esquecimento por meio de memórias públicas e particulares. Huyssen afirma que o passado funciona como uma forma de sustentação de presente. Em nossa pesquisa, entendemos, com base no que diz Huyssen, que o sujeito migrante precisa, a todo tempo, ligar-se à memória do passado porque esta pode lhe trazer equilíbrio para o tempo presente.

E é graças à relação do sujeito com a história que se retoma, por meio da memória da língua, que o esquecimento daquilo que faz sentido para o sujeito não é total. Pois, como afirma Orlandi (1992), “sujeito e sentido se constituem simultaneamente”, e, nas palavras de Guimarães (2008), só há língua porque há sujeito e só há sujeito porque há língua.

Nesse sentido, uma língua, na qualidade de materna, não é apagada, esquecida completamente por um sujeito que a praticou durante muito tempo. Com ela, de algum modo, ele ainda pode significar o mundo e dar sentido a ele. Essa língua esteve ou está em silêncio, mas mesmo o silêncio é pleno de sentido, de acordo com Orlandi (2005).

Outro elemento que identificamos nas análises é que a maneira através da qual os imigrantes em massa foram tratados ao virem para o Brasil influenciou fortemente na identidade deles com relação ao país e à língua:

**Entrevistador:** *Houve dificuldade na imigração?*

**L.T.** *Se houve dificuldade? Não. A imigração, a verdadeira imigração... O modo que eu vim não foi. Não foi. Agora, depois que eu tô aqui aí os problema apareceram, né. Que os imigrante naquela época era, era do meu ponto de vista, e de outros que vieram juntos, eram escravos. Escravo de um italiano, ainda. Não podia fazer certas coisas. A gente não podia ir no centro da cidade. Tava morando no meio do mato. Era um pouco escravo [Silêncio]. Tivemo medo, eu queria voltar pra Itália de qualquer modo. Não ia ficar de jeito nenhum. Pelo modo com éramos tratados. E italiano. E conseguimos vir com contrato.*

Tanto na fala dos imigrantes de movimentos esparsos quanto na dos imigrantes em massa, fica clara a presença do silêncio. No último fragmento citado acima, do discurso do Senhor *L.T.*, evidencia-se um momento de dificuldades e desafios na situação da imigração. Neste trecho do discurso, o silêncio opera como um modalizador de lembranças que, para o sujeito, opera sentidos.

Nota-se um efeito de contradição, em relação à nacionalidade, em que um “italiano” (imigrante) trata o outro italiano (imigrante) como escravo, o que do ponto de vista da discursividade organizada pela memória social, seria um contra-senso. Mas no real das condições da imigração, o fato de serem ambos *semelhantes* do ponto de vista da nacionalidade (imaginária) não impede que eles ocupem posições diferentes no interior do real espaço brasileiro.

A vida isolada, isto é, dos italianos sem o contato cotidiano com brasileiros, nos sítios ou fazendas, marcou, de fato, para os imigrantes em massa, uma prática e uma maior valorização dos dialetos italianos. Pois, se não havia contato diário com os brasileiros, é verdade que a língua nacional não fora tão difundida tampouco tão cultivada pelos imigrantes.

Já para os imigrantes esparsos, lembrando que vieram isoladamente das outras famílias, embora houvesse certa obrigatoriedade em falar o português em terras brasileiras, nota-se que não houve muitas dificuldades em lidar com a nova língua.

Os entrevistados justificam este fato por terem o português e o italiano muitas semelhanças, por serem línguas derivadas do Latim. Entretanto, pela situação podemos pensar que o contato constante proporcionou a este grupo (da pesquisa) maior integração à sociedade e à língua do Brasil do que àqueles que viveram em comunidades falantes de italiano.

Vale ressaltar na fala de M.P., que é um senhor aposentado, e que veio para o Brasil para viver com a esposa (sendo ela brasileira), quando perguntado sobre a imigração:

*Entr. Qual foi ou quais foram os motivos da imigração?*

*M.P.: “Eu não tenho família, só sou eu. Eu não sou imigrante, entende?! Um cara que nasceu na Itália, trabalhou na Itália, se formou na Itália, aposentou na Itália e agora tô aqui. Mas não sou imigrante. Porque eu não vim da Itália pra procurar trabalho aqui, vim só pra morar.”*

É bastante interessante, sob o viés da relação sujeito x nacionalidade, e faz pensar a questão do que é ser imigrante, o fato de que o sujeito entrevistado não se identifique como “imigrante”, trazendo à tona um imaginário do que seja um imigrante. Aqui, há uma negação que, ao mesmo tempo que marca a ausência de representação de cidadania ou nacionalidade brasileira, pode ser pensada como a presença imaginária de uma pertença eterna ao país de origem. Já que não se pode definir de antemão o que é e quem é e não é o imigrante, mas apenas procurar compreender os efeitos de sentido que se manifestam na linguagem do entrevistado, vale lembrar que há opacidade na língua, na medida em que o sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, mas só pode ser constituído em referência a outras, e às condições de produção de um determinado enunciado. O sentido muda de acordo com a formação ideológica de quem o (re)produz. O sentido não é “dado”, ele não existe como produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social.

Em relação a essa negação da condição de imigrante para alguém que, de um ponto de vista geral o seria, é fundamental entender, também, a noção de equívoco, que diz respeito ao fato de que “o sentido pode sempre ser outro”. De acordo com a

abordagem discursiva, o equívoco retira a verdade do sujeito que enuncia, ao produzir uma falha material, por onde se nota que o sentido foge ao seu controle. Essa falha materializada na/pela língua não pode ser recoberta, possibilitando a produção de sentidos outros, mesmo se por vezes indesejáveis, e que denunciam a posição ocupada pelo sujeito de linguagem, bem como as formações discursivas e imaginárias em que seu dizer se inscreve para produzir determinados sentidos.

O fato discursivo aqui é que algo da ordem da memória discursiva faz com que o Senhor M.P. não se reconheça como imigrante, mesmo tendo nascido e vivido na Itália e morando atualmente no Brasil. A partir do que pudemos observar na entrevista acima, é possível notar como é a imagem que o sujeito faz de si mesmo. Para ele, imigrante é aquele que sai do país de origem e vai para outro para formar nova vida. A negação “*eu não sou imigrante, entende?*” faz pensar a relação imigração x trabalho (vida produtiva e cidadania). A imigração estaria ligada à vida produtiva, à cidadania, e o deslocamento após a aposentadoria não se configuraria, a seu ver, como um fato de imigração.

Novamente, tem-se aqui uma indicação de que, embora esses sujeitos sejam todos imigrantes, alguns se entendem como verdadeiros imigrantes, e outros não se veem como imigrantes. E isso é significativo em uma abordagem discursiva. Para a questão que nos propusemos analisar, estamos diante de um fato discursivo bastante significativo, uma vez que essas representações de si certamente interferem na relação do sujeito seja com o país, seja com a(s) língua(s).

Até este ponto, limitamo-nos a tratar da relação dos sujeitos com a linguagem verbal. Outro ponto significativo que aparece em nossa pesquisa é a linguagem não-verbal dos imigrantes e os efeitos de sentido produzidos por ela.

Quando perguntado se houve dificuldades na imigração, **FP** em sua entrevista diz o seguinte:

*F.P. “Se havia alguma pequena coisa, assim, com os gestos a gente se entendia muito bem. Gestos, a expressão que a gente fazia. Aquilo que eles faziam. Mas nunca teve. Nunca. Desde o primeiro dia. Inclusive lá perto tinha um sapateiro e nós fizemos muita amizade com esse sapateiro. O sapateiro perguntava da Itália e coisas e tal. E a gente ia explicando com gestos, com palavras. Às vezes dava pra entender, porque o italiano e o latim têm alguma coisa que quase todo mundo identifica”.*

Iniciemos este tópico indicando que o entrevistado tem consciência das diferenças e semelhanças entre as línguas em questão. Quando perguntamos ao Senhor **F.P** se houve dificuldades na imigração, ele fala sobre a comunicação, e diz que se havia, com os gestos eles se entendiam bem.

Além deste episódio, foi bastante perceptível a menção que todos os tipos de imigrantes considerados na pesquisa fazem à origem das línguas, com as referências ao português e ao italiano como línguas neolatinas:

*L.P. “Dificuldade, relacionada à língua, não. Também porque o português que é uma língua latina é compatível com a língua italiana.”*

*M.P.: Non, porque io andei aprendendo devagarzinho, devagarzinho, sem problema. Non falava português però in hotel cinco estrelas todo mundo se entende. Non fico muito preocupado de saber a língua. Eu andei muito na Alemanha e não falo alemão, andei muito na Espanha e não falo espanhol. Mas nunca preocupeí com a língua, sempre sozinho... io non gosto de viajar acompanhando porque sempre gera conflito. Mas também agora, io falo o português mais ou menos, io entendo tudo, leio... mas non escrevo porque a escrita é muito diferente. O meu dicionário é muito pequeno. Mas non tenho problema nenhum para entender e ser entendido.*

Em se tratando da imigração esparsa, as afirmações são de que não houve, conforme a percepção dos entrevistados, dificuldades na imigração nem na relação com a língua do país para onde migraram. .

Entretanto, embora tenham afirmado que os gestos cobriam as necessidades da língua, o que se pode perceber na entrevista é que isto não foi bem assim, já que ainda há a impossibilidade de escrever nesta língua, e também considerando o que se disse sobre ouvir uma música em língua materna, quando eles são também interpelados por uma memória da língua que produz efeitos de sentido particulares a cada experiência histórica dos sujeitos. Para diversos deles, como dissemos, ouvir essa língua na música produz um efeito que se materializa no corpo, “arrepia”, mesmo se houvesse alguma comunicação gestual possível para as trocas básicas da subsistência. E é neste ponto que está a sutileza dos efeitos de sentido ligados à língua materna, ou como poderíamos dizer neste caso, ligados à língua nacional do país de origem destes imigrantes.

Ainda sobre a dificuldade na imigração e a língua, encontramos elementos no fragmento que segue:

*F.P. “Não. Não. Pelo menos conosco não. Olha, talvez se “tinha”, era com o meu pai porque ele estava mais tempo aqui do que a gente que era criança. Mas nunca tivemos. A minha mãe, até morrer, ela não falava português. Em casa, era só italiano. Então, na rua, quando ela ia, era “D. Dora, D. Dora”. A minha mãe, ela só gesticulava, e falando italiano todo mundo entendia. A Ana Maria (esposa do Franco) está aí de prova. Era uma coisa impressionante, fora do sério. É a natureza de Deus, que deu essa facilidade pra gente.”*

Podemos analisar um aspecto interessante no relato acima. Para esse imigrante, que é italiano, os gestos eram o suficiente para se fazer entender. Isso porque, para o sujeito, existe a ideia de completude na comunicação, a ideia de não opacidade, de transparência dos sentidos. No relato percebe-se um sujeito imigrante que nunca deixou de falar sua língua, o que nos faz refletir se houve de fato ausência de dificuldades. De todo modo, é significativo que os imigrantes esparsos não representem este fato como uma dificuldade em sua história.

Podemos destacar, dentro de nossas análises e para efeito de confirmação sobre a opacidade da língua, que há o chamado efeito de completude. Observemos o seguinte fragmento de entrevista:

*Entrevistador: Qual foi ou quais foram os principais motivos da imigração da sua família?*

*D.B. "...eu não sei se a minha versão vai bater com a da minha mãe que também deu a entrevista né, mas é o que me contam."*

Do ponto de vista do discurso, é interessante e inquietante a resposta dada por *D.B.* Este enunciado, dentro de nossa análise, contribui significativamente para pensarmos no que acima falamos sobre a opacidade da linguagem e como ela mesma sofre interferências do real. Cabe-nos ressaltar, pois, que o sujeito, interpelado por diferentes formações discursivas, pode dizer x ou y sobre um mesmo assunto. Se os sujeitos entrevistados *L.P.* e *D.B.* passaram pelo mesmo processo de imigração (no caso, imigração esparsa), por que poderia haver diferentes relatos para um mesmo episódio? Faz-nos pensar acerca de tal incompletude e entender que o real da história interfere no real da língua.

Já para o imigrante em massa, quanto à dificuldade de relação com a língua nacional do Brasil, observa-se que a sua relação com a língua materna se manteve muito viva, devido ao contato diário com outros imigrantes. Os relatos mencionam que eles se reuniam para cantar juntos músicas italianas. E fazem isso até hoje. Cantar canções em língua materna também mobiliza uma relação corpórea, sinestésica, com a língua mobilizando toda uma memória ligada ao seu lugar na constituição do sujeito<sup>3</sup>. O contato, pois, com a língua materna ficou mais forte quando comparado com os imigrantes esparsos, uma vez que estes últimos se relacionavam diretamente com a língua nacional, pois viviam juntos com

---

<sup>3</sup> Segundo Payer (2003) o canto da língua materna de imigrantes constitui um dos modos de relação do sujeito com o lugar da língua interditada, assim como o riso, a denegação e a ultracorreção. São *modos de identificação* que funcionam de um modo não representado, pelo sujeito, com uma língua que o constituiu e que já não é praticada como tal, ordinariamente.

brasileiros. Pois, dizem os sujeitos (do grupo dos imigrantes do Pós-Guerra), quando perguntados sobre as dificuldades da imigração:

*L.T. Não. Até que non, viu. Depois de um mês ou dois entendia bem. Só não conseguia escrever pra expressar. Depois de uns seis meses já não era difícil porque havia mais italianos. Quer dizer que formou aquele grupinho. A gente morava praticamente junto. E quer dizer que era aquele grupinho que falava italiano. E tinha um pouco mais de dificuldade pra falar português. Mas depois eu fui trabalhar numa fábrica e tinha que falar português. Não foi difícil.*

*D.G. É. A dificuldade, muito, tem se adaptar o clima daqui, se adaptar os costumes, se adaptar à língua especialmente. Eu ainda tenho um pouquinho de sotaque de italiano, então a dificuldade continua, mas não foi tanto sofrido no, claro que foi tempos diferentes, 55 anos atrás o Brasil era muito diferente de hoje, hoje quase que não tem diferença, igual Itália a modernidade, tudo bem arrumado, tem muita coisa pra arrumar ainda mas a mudança foi muito grande nesse 55 anos.*

A língua materna, diferentemente da língua nacional, nesta situação, tem a capacidade de trazer à memória momentos íntimos entre familiares e entre o grupo de convivência cotidiana, o que produz um efeito de identificação grupal, e o afeto (carinho) marcado por essa língua. Assim, falar em língua materna, mesmo que em território estrangeiro, faz surgir uma inquietante marca de identificação. Uma marca que, para o sujeito, é indelével pois já faz parte dele; já o interpelando como sujeito, ao lado da língua nacional.

**Entrevistador:** *Em que situações você fala a língua italiana?*

*F.P. E aqui eu falo Italiano quando eu vou “em” Belo Horizonte, encontro muitas pessoas conhecidas no Consulado, né. Então é a mesma coisa de estar na Itália. Falar italiano significa muita coisa. Muita lembrança. Muita recordação, sem dúvida. A cidade que eu nasci, então. A gente falava carinhosamente.*

A língua nacional do Brasil para os sujeitos imigrantes do pós-guerra é vista como uma segunda língua, em um sentido mais estrito do que para o imigrante em massa, em que um sentido jurídico de “nacional” se imprime ao Português. Isso, embora a relação língua

materna x língua nacional não seja vista como algo exterior ao sujeito, mas algo que também o constitui. Pela fala dos entrevistados, para os imigrantes esparsos, foi possível perceber que para eles, a língua nacional é tão importante porque ela está presente no país que os acolheu de forma carinhosa e muito protetora.

*F.P. Olha, dizer que é uma alegria muito grande, sinceramente, eu to mentindo, porque acima disso tudo falar a língua pátria e da minha segunda pátria que, pra mim, essa é a minha segunda pátria. E não tem ninguém que chegue pra mim dizendo “mas você não... Exatamente, não nasci brasileiro, mas sou patriota”.*

Na fala de **F.P.**, há uma marca de filiação à nacionalidade interessante de se observar. Embora não seja brasileiro nato, ele se considera patriota e pertencente à nação brasileira, mesmo que não tenha a língua nacional como língua materna também.

A noção de identificação com o Brasil se dá de forma também diferente para os diferentes grupos. Para o imigrante esporádico, ele se considera ainda estrangeiro. Há algo de estrangeiridade que faz parte de suas identificações. O português é a segunda língua e o Brasil é a segunda pátria. Já um dos imigrante do pós-guerra se considera “brasiliano” (versão modificada do brasileiro).

*F.P. Quando eu fui pra Itália, a mesma coisa lá. “Ô brasileiro, brasileiro”. Eu começava a rir. Quando me viram com a camisa da CBF, então todo mundo me abraçava, naquela praça de São Pedro em Roma. Quando viram aquilo ali, tudo quanto é brasileiro encostava. Você fazia aquela festa, aquela... É coisa bacana. Sinceramente.*

Este sujeito que comentamos a seguir, a Senhora L.P., é imigrante do grupo dos esparsos. Ela é professora, trabalha, e se identifica como brasileira. No entanto, permanece uma opacidade nessa identificação, pois o lugar de brasileira não lhe é assegurado, em função da língua que fala. Vejamos sua entrevista:

*L.P. Na própria área de educação, eu não pude pegar os primeiros anos por causa do meu sotaque. A lei até me permite porque eu sou formada em Normal Superior, mas é uma questão*

*de consciência também. Você sabe que uma outra professora alfabetizadora que nasceu aqui, que tem essa raiz aqui, pode proporcionar um ensino de uma maneira melhor, certa. Se bem que, é, o dialeto, a maneira de falar é subjetiva de cada um.*

Não basta haver uma lei que a legitime como professora para que ela possa exercer a profissão. A questão da língua torna-se mais forte do que a própria lei. Para esta senhora, isso pode ser relacionado ao acolhimento proporcionado pelo Brasil num momento muito difícil e tenso da história de imigração, quando deixou a Itália e veio apenas com a família para o Brasil.

Pelo que dissemos antes, nota-se que a maneira como os imigrantes esparsos se referem à língua italiana no Brasil possui características particulares. Não houve, pois, em sua história, uma interdição da língua propriamente dita, como houve para os imigrantes do período republicano. Mas, mesmo assim, dadas as condições de produção brasileiras, limitava-se muito ao contexto de casa o falar italiano, e no espaço público havia o contato com a língua portuguesa, porque havia poucos interlocutores com quem expressar nessa língua. Já para os imigrantes em massa, porque houve uma interdição da língua estrangeira pelo Estado, essa inscrição na língua nacional não foi tão aceita e tranquila, também porque eles falavam em italiano em suas comunidades aqui no Brasil.

Pensemos um pouco no conectivo “mas” que foi observado na fala de um dos imigrantes: *Sou italiano nato, mas brasileiro até o fundo do meu coração*, quando perguntado como seria se no Brasil fosse falada, além da língua portuguesa, também a língua italiana. A conjunção coordenativa *mas* contrapõe dois aspectos que entretanto coexistem, a ideia de pertencer concomitantemente a duas nações, e conviver com as duas línguas.

*F.P. Sou italiano nato, mas brasileiro até o fundo do meu coração. [...]*

*L.P. Então. Na minha casa, minha família, todos italianos. Então a gente manteve, como já te falei, a nossa origem, né, o nosso jeito de falar, mesmo que não fosse o italiano puro. Porque você já sabe o italiano tem vários dialetos, nós somos de Roma. Mas a gente mantém essas raízes. Agora, o tempo, já falei, afasta muito isso. Na escola, é, a vantagem é pra dar aula de*

*italiano. Agora, com certeza, pra eu ser professora de criança de ensino fundamental, eu tive que deixar meio de lado o italiano. Eu dou aula de italiano pra eles, se a escola me oportunizar.*

Com os imigrantes em massa, a interdição da língua se deu de outra forma. Embora não se pudesse falar o italiano com frequência na rua, em casa, a comunicação entre o grupo se dava, em muitas situações, somente por meio da língua materna. Há, então, nesse momento uma não preocupação com a língua e uma valorização da língua materna.

*D.G. Aqui no Brasil, quando se tem um grupo se fala em italiano, eu mais ou menos já coloquei isso. Ah, em casa eu falo sempre português, porque convivo com os portugueses, com os brasileiros. Então, difícil. Ah no início sim, tinha outros italianos, se falava em italiano. Italiano, se falava em italiano. Aos poucos foi se aprendendo e depois se misturou. Relação, relação normal de quem fala italiano.*

A partir do enunciado acima, na fala de **D.G.** podemos pensar na importância de se falar em língua materna com outros imigrantes, para sujeitos em imigração.

Nesse sentido, faz-se importante notar a repetição lexical repetida das marcas de nacionalidade: *italiano/italiano, portugueses/brasileiros*. E os efeitos de sentido que existem são de ordem sentimental que os fazem trazer à memória discursiva o que é da memória da língua.

Vale a pena ressaltar os efeitos de sentido no seguinte material analisado:

*F.P. Esses dias mesmo, o meu irmão de Leopoldina me telefonou me agradecendo um livro que eu tinha mandado pra ele. De repente, a gente começou a conversar em italiano, aí voltou pro português. É a coisa mais natural do mundo.*

Em relação às diferenças entre o imigrante do pós guerra e o imigrante em massa, é interessante notar que os primeiros, hoje ainda, quando juntos, falam em italiano com naturalidade. E esta é uma diferença significativa a ser observada entre os diversos tipos de imigração. O que se ressalta na entrevista de L. T.

*L.T. Non, non. Eu falo muito frequentemente. Até com a minha esposa aí ela fala. Isso há um ano era mais ainda. A minha mãe só falava o dialeto. Mai eu falo muito frequentemente. Nós temos uma pequena sociedade. E vira e meche nós sentamos aqui na mesa pra conversar. Só italiano.*

Para o imigrante em massa, a memória da língua ainda se materializa pelo real da história, em que o silenciamento se fez presente. Já para o imigrante esparso, isso não ocorre já que a língua materna e a língua nacional se misturam a ponto de o sujeito nem perceber quando está falando em uma ou outra língua.

Uma outra questão é sobre as dificuldades entre o português e a língua materna, o italiano.

*Entrevistador: Em algum momento, durante esta história, houve algum tipo de confusão ou dificuldades entre a sua língua e o português?*

*D.B. Não, olha só, como eu vim pequeno realmente quando você é pequeno você pega outros idiomas com uma facilidade muito grande.*

*P.P. Isso é inevitável. Com certeza.*

Pensando a respeito da imagem que o sujeito imigrante tem em relação às línguas, é interessante observar como, para ele, a questão de aprender mais de um idioma se dá de forma natural, principalmente quando se é criança. Isso é bastante interessante porque nos faz desmistificar certas expressões ideológicas sobre o imigrante em nosso cotidiano brasileiro como, por exemplo, “*Não sei falar nem o português direito, o quê dirá, então, outra língua?*”. Assim, já que são afetados pelo processo de imigração, podemos apreender que essa relação que o sujeito imigrante passa a ter com as línguas é bem diferente de um sujeito brasileiro que teve o português simultaneamente como língua materna como língua nacional. Principalmente se compararmos as faixas etárias. E isso não se restringe a um determinado

tipo de imigração. Nesse sentido, o tema é interessante para pensarmos situações de ensino para alunos que passaram por processos imigratórios. Observemos o fragmento abaixo.

**Entrevistador:** *Como é, para você, essa questão de falar mais de uma língua?*

**P.P.** *Acho normal, como eu falo desde pequeno acaba sendo natural. Eu ouvi uma frase que acho interessante: quando você fala mais de uma língua você não consegue fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo. E é verdade, quando eu estou falando em português e preciso falar italiano, eu paro, desligo o português e começo a falar em italiano.*

**Entrevistador:** *Como foi essa questão de falar a língua italiana e a língua portuguesa em sua casa?*

**P.P.** *É português e italiano. Então alterna. Se fala italiano entre nós, com os familiares, mas a gente costuma falar tanto italiano como o português. Uma conversa mista nos dois idiomas. Nunca misturamos os idiomas. Alternamos a conversa nos dois idiomas.*

Esses fragmentos nos levam a pensar na importância de se considerar a multiplicidade linguística presente entre os alunos com os quais trabalhamos. Ainda em relação ao ensino e às identificações com as línguas, outro aspecto relevante de nossa pesquisa nos faz confirmar a ideia exposta por Révuz (1998) de que o sujeito, para se comunicar em línguas diferentes, precisa assumir um outro “eu”. Ou seja, quando [P.P.] nos esclarece que “*desligo o português e começo a falar em italiano*”, é como se fosse impossível haver uma confusão entre as línguas já que há lugares diferentes para elas dentro de uma memória discursiva articulada a uma história.

Assim dizendo, vemos que a língua materna tem também um lugar para o sujeito, estando ligada à sua história. .

**Entrevistador:** *O que você sente por não falar mais o italiano frequentemente?*

**P.P.** *Bom, às vezes a gente se sente um pouco, assim, nostálgico, né. Um sentimento de nostalgia. Porque o idioma está ligado às próprias raízes culturais.*

Outra questão que chama a atenção é a relação com a língua como parte do sujeito. Para o imigrante, a língua reclama sentido à medida que ela, como parte indelével, retoma o

que é da ordem natural para o sujeito, fazendo-o sentir-se pertencente a uma comunidade ou nação, a uma língua ou outra. É tão forte a relação do sujeito imigrante com a língua materna que, quando ouve alguém, mesmo que em território estrangeiro, falando sua língua, sente que aquele discurso o convoca, pois é parte dele, é intrínseco a ele. Observe-se o relato abaixo:

***Entrevistador: O que você sente por não falar mais o italiano frequentemente?***

*[P.P.] Na verdade eu não sinto nada. Desde muito novo eu falo o português, mas assisto a filmes em italiano, leio livros e sites, escuto músicas e tal. Mas sempre quando escuto alguém falando da Itália, ou vejo alguma notícia, paro para ver ou ouvir. Opa ! Estão falando de mim, das minhas raízes. Gosto de assistir a canais de T.V italiana também. É normal, falo inglês fluente também.*

Nota-se que para o sujeito, o que estava pressuposto na pergunta, que ele não “falasse” mais a língua materna, não faz sentido, e isto não faz questão para ele, que, mesmo não falando sua língua como língua cotidiana, nacional, no Brasil, ele a pratica de algum modo. Ele encontra para essa língua um lugar, como língua mesmo, que lhe permite nela assistir a filmes, TV, ler livros, enfim, tem para com essa língua um lugar como parte de sua relação com o real, com os sentidos que se lhe apresentem interessantes.

As análises apresentadas indicam, pois, que há diferentes modos de relação dos sujeitos imigrantes com as línguas, e que essas diferenças não são indiferentes ao modo como ele entrou em relação com elas, nos diferentes processos de imigração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o término deste trabalho, é possível melhor compreender que a linguagem é incompleta e que exploramos apenas uma parte de muitas que poderiam ser pensadas e analisadas em relação ao tema proposto. A nossa pesquisa nos abriu um leque de entendimentos sobre muitas questões referentes à língua, de modo mais amplo, e nas situações de imigração, especificamente. Entretanto, pudemos entender também que quanto mais avançávamos sobre o assunto, mais inquietante ficava a questão tratada na nossa pesquisa e mais precisávamos entender e refletir sobre os processos de linguagem.

Contudo, limitamo-nos a estudar mais profundamente dois aspectos que tangem nosso objeto de pesquisa. A relação entre língua nacional e língua materna em imigrantes italianos de diferentes processos de imigração no Sul de Minas Gerais, e também a imagem que esses imigrantes fazem de si mesmos, tendo em conta a questão da nacionalidade, da cidadania, do trabalho.

Entendemos que o sujeito imigrante, seja qual for o processo de imigração por que tenha passado, é afetado pela ideologia, em relação à língua e aos sentidos, e é influenciado pela própria história de vida. De fato, não é estanque, tampouco seria interessante que o fosse, a relação que os sujeitos mantêm com as diferentes línguas. Assim, nosso estudo pôde ser realizado levando-se em consideração, sob a ótica da Análise do Discurso, as diferentes dimensões da língua materna e da língua nacional e a memória discursiva em dizeres de sujeitos afetados pelos processos imigratórios citados.

É fato que a pesquisa nos ajudou e nos esclareceu bastante algumas perguntas, sobretudo que há lugares diferentes, na memória do próprio sujeito imigrante, para as diferentes línguas que ele encontra em sua história, já que elas constituem memórias discursivas diferentes e apresentam distintos funcionamentos. Para tanto, observamos que

aquilo que é materno em nós, mesmo que esteja silenciado, faz sentido, porque é indelével. Já a língua nacional, enquanto símbolo de unidade nacional, interpela o sujeito imigrante e lhe garante a pertença à terra estrangeira.

Podemos entender que a língua afeta o sujeito de maneiras diferentes, conforme tenha passado por processos históricos diferentes.

Fundamentalmente, compreendemos que os processos históricos, incluindo o silenciamento, que envolvem os sujeitos e as línguas, interferem nessa relação. E que isto se marca na materialidade discursiva do que os sujeitos dizem na atualidade.

O silenciamento deixa marcas distintas conforme tenha se dado em diferentes grupos. Na enunciação dos imigrantes do Pós-guerra encontramos as interrupções abruptas e a pontuação cortando frases curtas como numa comunicação interrompida, e também a preferência assumida por não dizer sobre certos assuntos ou em certas circunstâncias.

São diferentes as representações de língua para esses diferentes lugares de sujeito, e também são diferentes as imagens da língua materna e da língua nacional para os imigrantes dos diferentes processos. Para os imigrantes em massa, que conheceram, de certo modo, a interdição de sua língua, não é indiferente falar em português ou em italiano, enquanto para os imigrantes esparsos e os do pós-guerra, que não conheceram essa interdição pontual, a passagem de uma língua a outra se faz sob o efeito de uma “naturalidade”, como eles dizem. Não há a marca de língua interdita em relação ao italiano como língua materna, tampouco a imagem da língua portuguesa como ligada a um funcionamento jurídico-político.

Diante dos relatos históricos, pudemos ver que os imigrantes foram submetidos a uma situação de extrema necessidade, foram “obrigados” a aprender a língua aqui falada, o que para eles era uma questão vital. Todo ser vivo, posto em condições extremas, descobre e/ou adquire capacidades desconhecidas por ele mesmo. Isso acontece com a aprendizagem de uma língua. Entretanto, é possível perceber que, ao chegar ao território alheio, o imigrante passa a

não mais falar a sua língua materna com a mesma constância e fluência. Nem mesmo começa repentinamente a falar a língua do país para o qual foi. Ora, se ele, ao deixar sua terra natal, sofre um processo de adaptação, é evidente que a prática da língua também sofre transformações. E assim, é como se surgisse em cena uma terceira língua, ou seja, uma mistura entre as línguas às quais o sujeito imigrante está exposto. Essa “terceira língua”, carregada de características das duas línguas dará origem a um novo processo comunicativo, carregado por trações de memórias discursivas, através dos quais o sujeito falante vai se valer para entrar em relação em uma nova experiência linguística.

Assim, compreendemos que praticar as duas línguas, simultaneamente, italiano e português, significa diferente para os sujeitos desses diferentes grupos, em função de sua experiência histórica com as línguas, com o modo como elas foram interpretadas. Esperamos que nossa pesquisa contribua significativamente, seja para os professores de língua, seja para outras pessoas que lidam diretamente com sujeitos imigrantes, a fim de ajudar na compreensão do processo ensino-aprendizagem de uma língua.

## BIBLIOGRAFIA

BOLOGNINI, C. Z. O lugar de interlocução de brasileiros e alemães na história de suas relações de contato. Tese (Doutorado) IEL, Campinas, SP, 1996.

CORACINI, M. J. R. F. **Língua estrangeira e Língua materna:** uma questão de sujeito e identidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Identidade & discurso:** (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos, 2003, p. 139-159.

\_\_\_\_\_. Sujeito, identidade e arquivo – **entre a impossibilidade e a necessidade de dizer (-se)**. In: \_\_\_\_\_. **A Celebração do Outro:** Arquivo, Memória e Identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007a, p. 15-26.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: 1996.

GUIMARAES E. (org.) “Brasil, país multilíngüe”. **Ciência e Cultura:** Línguas do Brasil, No. 2, Ano 57. 2005.

GUIMARAES, E. “Política de Línguas”. In *Enciclopédia das Línguas no Brasil*. IEL, UNICAMP. <http://www.labeurb.unicamp.br/elb/> 2004.

\_\_\_\_\_. **Os limites do sentido:** um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 2 ed. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. e Orlandi, E. **Língua e cidadania.** Campinas: Pontes. 1996.

\_\_\_\_\_. “Política de línguas”. **Enciclopédia das Línguas no Brasil.** IEL, Unicamp.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia /** Andreas Huyssen – Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

ORLANDI E. (org.) “**A língua imaginária e a língua fluída: dois métodos de trabalho com a linguagem**”. Política linguística na América Latina. Campinas: Pontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio. No movimento dos sentidos.** Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_ **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 4. ed. 3ª reimpressão. Campinas, SP: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_ **História das ideias lingüísticas.** Campinas: Pontes Editora Cáceres: Unemat 2001.

\_\_\_\_\_ Língua e Conhecimento Linguístico. Para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.\_

PAYER, M. O. **Memória da Língua. Imigração e nacionalidade.** São Paulo, Ed. Escuta, 2006.

\_\_\_\_\_ “Memória da língua e ensino. Modos de aparecimento de uma língua apagada no trabalho de esquecimento”. **Revista Organon**, Instituto de Letras da UFRGS, 121-128. Porto Alegre, 2003.

\_\_\_\_\_ “Processos de Identificação Sujeito/Língua. Ensino, Língua Nacional e Língua Materna”. In **Política Lingüística no Brasil.** E. P. Orlandi (org.). Campinas: Pontes, 2007

\_\_\_\_\_ “Entre a língua nacional e a língua materna”. In **Análise do Discurso no Brasil.** Ferreira M. C. e Indursky, F. (orgs). Porto Alegre, 2007

PAYER M. O. & CELADA M. T. A relação sujeito/língua: materna, nacional, estrangeira. 2011. In **As bordas da linguagem.** Silveira, E. M. (Orgs.). Uberlândia, Edufu. 2011.

\_\_\_\_\_ “O trabalho com a língua como lugar de memória. **Revista Synergies Brésil,** GERLINF, no. 7, 2010.

PAYER, M. O. e BOLOGNINI, C. Z. Línguas de Imigrantes. Ciência e Cultura, **Revista da SBPC. Línguas do Brasil** n. 2, Ano 57, p. 42-46, Campinas, SP, 2005:

Pêcheux, M. (1984) "Papel da Memória". In **O papel da memória.** P. Achard et. al. Campinas, Ed. Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas, SP: Pontes, 2006.

REVUZ, C. “A Língua Estrangeira, entre o Desejo de um Outro Lugar e o Risco do Exílio”. In **Linguagem e identidade:** elementos para uma discussão no campo aplicado. Inês SIGNORINI (org.). Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1988.

SERRANI, S. **A linguagem na pesquisa sociocultural**. Campinas: Editora da Unicamp, (2<sup>a</sup> ed.)1997.

SCHUMM, G.S.C. "Um estudo enunciativo de uma política de línguas: uma identidade misturada". IEL, Unicamp. 2004.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

## ANEXOS

### Entrevistado N.º1: Francesco Pastore

#### 01) Qual foi ou quais foram os principais motivos da imigração da sua família?

Segunda Guerra Mundial. A Guerra, de fato, espantou bastante gente da Itália. [Silêncio] Da Europa toda. Mas, principalmente da Itália pra cá, pro Brasil, pros Estados Unidos. Acho que, na época, pro Brasil vieram muito mais. O nosso destino, na época, talvez “seria” os Estados Unidos. Mas quando o meu pai andou descobrindo estas coisas [prefiro não falar], ele deu preferência cem por cento no Brasil. Aliás, a idéia dele era vir pra cá e olha eu fiz até um rascunho, esse dia sobre esse motivo, essa pergunta que está me fazendo, até vou botar no computador e te enviar. Mas foi, [silêncio], pra gente vim pra cá, foi a maior alegria. Não teria acontecido coisa melhor dentro da minha família. Que ao chegarmos aqui, além de ser muito bem recebido, a recepção foi bem grande. Num foi só de parente não, mas gente de que nós nunca tínhamos visto. O primo do meu pai tinha levado lá pro cais do porto para recepcionar a gente e engraçado que nisso tem uma passagem que eu nunca esqueço, que depois eu vim a saber. Meu pai, na época, tinha sido atropelado, com a clavícula quebrada e ele, naquele dia, pra esperar a gente no cais do porto, ele teve que fugir do hospital da Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Só pra esperar a gente lá, pra ninguém pensar que tivesse acontecido coisa mais grave. Mas a gente não sabia disso até então e quando nós desembarcamos que fiz amizade com um primo do meu pai e tal. E eles falavam em italiano também. Era um músico municipal, ele falou pra mim que tinha perguntado pro meu pai como é que ele ia fazer pra saber quem era a família dele. Meu pai bateu nas costas dele “Não tem com que se preocupar, não. A primeira mulher que tiver descendo aquelas escadas com cinco filhos, pode ter certeza que é ela”. E isso tá na minha memória até hoje. São coisas inesquecíveis na vida da gente, né. E, de fato, fomos morar, de início, na casa junto com outra família italiana. A casa grandona. Logo em seguida, meu pai [aquela convivência] com a pessoa que morava com a gente não achou bom, em seguida, ele alugou uma big de uma casa e então nós fomos conhecendo aquela criançada na [da] rua. Num dia. Todo mundo fazendo festa lá na casa dizendo “chegaram os italianos, chegaram os italianos”. Quer dizer, isso aí já era a alegria muito grande, sabe. Além de ser uma alegria, é uma satisfação imensa. Que é você receber carinho do jeito que nós recebemos, de uma pessoa estranha. Só o carioca mesmo. Pode ter

certeza, não tenho nada contra estado nenhum, e pelo contrário, eu amo isso aí. Mas aquele carinho que nós recebemos foi uma coisa extraordinária.

## **02) Houve dificuldades na imigração?**

Não. Absolutamente nenhuma. Se havia alguma pequena coisa assim, com os gestos a gente se entendia muito bem. Gestos, a expressão que a gente fazia. Aquilo que eles faziam, mas nunca teve. Nunca. Desde o primeiro dia. Inclusive lá perto tinha um sapateiro e nós fizemos muita amizade com esse sapateiro. O sapateiro perguntava da Itália e coisas e tal. E a gente ia explicando com gestos, com palavras. Às vezes dava pra entender porque o italiano e o latim têm alguma coisa que quase todo mundo identifica. E logo em seguida, dentro da sapataria desse sujeito, eu conheci um escuro que era uma pessoa fora de sério. Aí ele chegou lá, começou o sapateiro, falou pra eles que nós éramos moradores da rua, italianos. Ah, italiano, não sei o quê. Ele começou a falar italiano. Depois que ele andou me explicando que ele tinha sido um pracinha, E ele era funcionário – se não me falhe a memória – do Banco do Brasil. Fizemos uma certa amizade e coisa e tal e depois de um tempo, ele perguntou pra mim qual era a cidade onde eu tinha nascido. E falei pra ele e ele chegou pra mim e disse “Eu conheço a sua cidade. Eu passei por lá uniformizado.” Sinceramente, eu gelei de emoção. Eu disse não é possível. E ele começou a falar de certos lugares que, se a pessoa não esteve lá nem vai conhecer nunca. Nem eu te explicando, por melhor que seja, você não vai dar os detalhes. Então foi aí. E olha, isso também foi uma coisa inexplicável. Sinceramente. Encontrar uma cara que foi pracinha, que ele teve na Guerra e conhecer ele lá no Rio de Janeiro. É, é muita coincidência, né. Deus botou muita gente boa até hoje no nosso caminho. Mas muita gente boa. Naquela Copacabana lá todo mundo [não digo que me adora] mas era tratado feito um rei. Francinõ daqui, Francinõ de lá. Então isso aí não tem dinheiro nenhum que pague.

## **03) Em algum momento, durante esta história, houve algum tipo de confusão ou dificuldades entre a sua língua e o português?**

Não. Não. Pelo menos conosco não. Olha, talvez se “tinha”, era com o meu pai porque ele estava mais tempo aqui do que a gente que era criança. Mas nunca tivemos. A minha mãe, até morrer, ela não falava português. Em casa, era só italiano. Então, na rua, quando ela ia, era D. Dora, D. Dora. A minha mãe, ela só gesticulava e falando italiano, todo mundo entendia. A

Ana Maria [esposa do Franco] está aí de prova. Era uma coisa impressionante, fora do sério. É a natureza de Deus, que deu essa facilidade pra gente.

**04) Você fala a língua italiana, e em que situações?**

Aqui em casa, a gente pouco conversa em italiano. Na minha casa, antigamente, até meu pai e minha mãe viverem, a gente sempre falou italiano. Calabrês mais ainda, né. E aqui eu falo Italiano quando eu vou “em” Belo Horizonte, encontro muitas pessoas conhecidas no Consulado, né. Então é a mesma coisa de estar na Itália. Falar italiano significa muita coisa. Muita lembrança. Muita recordação, sem dúvida. A cidade que eu nasci então... A gente falava carinhosamente.

**05) Como é, para você, falar mais de uma língua?**

Olha, dizer que é uma alegria muito grande, sinceramente, eu to mentindo porque acima disso tudo falar a língua pátria e da minha segunda pátria que, pra mim, essa é a minha segunda pátria. E não tem ninguém que chegue pra mim dizendo “mas você não... Exatamente, não nasci, brasileiro, mas sou patriota.

**06) O que você sente por não mais falar o italiano frequentemente?**

Nada, nada. É engraçado. A gente começa a falar o português com alguém daqui, normalmente. De repente, aparece um italiano, eu começo a falar italiano com outro na frente da pessoa que ta perto. Automaticamente. Sem problema algum, sem falha.

**07) Como foi essa questão de falar a língua do Brasil e a sua língua italiana em sua casa e na escola?**

Não confunde. É tudo a mesma coisa. Às vezes, eu quero falar lá [na Itália] pra minha irmã que quero um pãozinho pra fazer um sanduíche. Então, eu falo me dá um pane. É normal misturar as duas. Mas na hora certa. Na escola foi praticamente a mesma coisa, apesar de que eu tive pouca frequência na escola porque eu queria trabalhar, ajudar meu pai, minha família, mas meus irmãos nunca tiveram problema. Aliás, fizeram muita amizade. E boa. Esses dias mesmo, o meu irmão de Leopoldina me telefonou me agradecendo um livro que eu tinha

mandado pra ele. De repente, a gente começou a conversar em italiano, aí voltou pro português. É a coisa mais natural do mundo.

**08) Já houve algum momento em que você se sentiu constrangida ou envergonhada por falar em italiano?**

Não. Absolutamente. É uma honra muito grande. É um prazer, uma satisfação imensa, imensa, imensa. Quando chega alguém dizendo “ô italiano, como é que é. Quando não chama pelo nome, chama por italiano. É uma satisfação imensa. É sinal que a pessoa tem um carinho especial pela gente. É a mesma coisa se um italiano... Quando eu fui pra Itália, a mesma coisa lá. Ô brasileiro, brasileiro. Eu começava a rir. Quando me viram com a camisa da CBF, então todo mundo me abraçava naquela praça de São Pedro em Roma, Quando viram aquilo ali, tudo quanto é brasileiro encostava. Você fazia aquela festa, aquela... É coisa bacana. Sinceramente.

**09) Que lembranças você tem quando ouve uma música em italiano ou uma pessoa falando em italiano?**

Lembrança da época. Além da lembrança, bastante lágrima. Saudades de outros tempos. Esses dias me trouxeram um DVD de música italiana. Sinceramente. Chorei. Dá para chorar. A gente arrepiá. É a mesma coisa quando [agora não] quando ia no Maracanã, diversas vezes vi times italianos com os nossos daqui. Tocava o hino, a gente arrepiá e chora. E não tem quem chegue pra você e diga “fica calmo”. Não existe. Inclusive na Itália, tive num jogo que foi [não lembro bem] foi um time daqui. Quando começou a tocar o hino nacional daqui a gente chora. Queira ou não queira, você chora. Vem assim, de repente, sozinho. É uma coisa que existe dentro da gente. Diversas vezes assisti a jogos de times italianos com times daqui. E era só começar a tocar o hino nacional, que corriam lágrimas. E não é vergonha não. Pelo contrário. É uma satisfação imensa. São as lágrimas da vitória.

**10) Como seria, na sua opinião, se no Brasil, além do português, também o italiano?**

Ah, seria uma maravilha. Bem que eu gostaria de morar em São Paulo por causa por causa disso. Que ali, não sei se você sabe, tem bairro específico só de italiano. Seria uma maravilha. Estamos com um pé na Itália e um pé no Brasil. Ainda mais aqui, com a língua pátria de lá. Sou italiano nato, mas brasileiro até o fundo do meu coração.

## **Entrevistado N.º 2: Mauro Pepe**

### **01) Qual foi ou quais foram os principais motivos da imigração da sua família?**

Eu não tenho família, só sou eu. Eu não sou imigrante, entende?! Um cara que nasceu na Itália, trabalhou na Itália, se formou na Itália, aposentou na Itália e agora to aqui. Mas não sou imigrante. Porque eu não vim da Itália pra procurar trabalho aqui, vim só pra morar.

### **02) Houve dificuldade na imigração ?**

Não, não teve dificuldade porque não imigrei. Peguei avião e vim. Não é que saiu da Itália pra morar aqui em Cambuquira. Eu já passeava para o Brasil, eu antes de vim pra cá passei em várias cidades brasileiras, sono que io tava olhando o Brasil de um hotel 5 estrelas e hotel 5 estrelas no Brasil é uma maravilha, mas quando você desce é diferente. E agora to aqui e non adianta voltar atrás, a vita non tem nem ensaio e nem marcha-ré .

### **03) Em algum momento, durante esta história, houve algum tipo de confusão ou dificuldades entre a sua língua e o português?**

Non, porque io andei aprendendo devagarzinho devagarzinho, sem problema. Non falava português perón in hotel 5 estrelas todo mundo se entende. Non fico muito preocupado de saber a língua. Eu andei muito na Alemanha e não falo alemão, andei muito na Espanha e não falo espanhol. Mas nunca preoquepei com a língua, sempre sozinho... io non gosto de viajar acompanhando porque sempre gera conflito. Mas também agora, io falo o português mais ou menos, io entendo tudo, leio... mas non escrevo porque a escrita é muito diferente. O meu dicionário é muito pequeno. Mas non tenho problema nenhum para entender e ser entendido.

### **04) Você fala a língua italiana ? Em que situações?**

Non, raramente falo o italiano. Tem um italiano aqui, um imigrante que veio pra cá pequenino com os pais, de vez em quando, quando encontro ele... mas tem muita dificuldade pra voltar a falar o italiano, io misturo um pouco .

### **05) Como é, para você, essa questão de falar mais de uma língua ?**

Ah, io gostaria de falar ao menos 30 línguas. Se tem uma coisa maravilhosa de falar é falar um monte de língua.

### **06) O que você sente por não falar mais o italiano frequentemente ?**

Nenhum problema. Quando ligo às vezes pra minha irmã que mora em Roma io falo italiano, é lógico. Bom, acho uma coisa normal .

**07) Como foi essa questão de falar a língua do Brasil e a língua italiana em sua casa ?**

Non, aqui non. Aqui na minha casa como a Leila [minha esposa] é brasileira, mas io falo português em casa, o problema é que às vezes io misturo um pouco. A Leila não me correge porque entende, ela morou 9 meses na Itália, fala italiano e entende italiano, porém eu misturo um pouco e ela entende .

**08) Já houve algum momento em que você se sentiu constrangido, envergonhado por falar em italiano?**

Non, até porque se tem uma coisa estranha é quando me perguntam de onde io sou, io respondo que sou italiano. Se pergunto a um brasileiro de onde ele é, ele diz que é descendente de algum país. Nascer em um lugar, morar em um lugar e não se sentir bem, está errado.

**09) Que lembranças você tem quando ouve uma música em italiano ou uma pessoa falando em italiano?**

Non, eu me sinto um pouco estranho. Porque aquilo que passa, passou..não volto atrás. Non sinto saudade nem do filho, filho está lá e io aqui. Se ele está bem, non sinto saudade . Qualquer lugar que a pessoa tá, se está bem non tem porque sentir saudade.

**10) Como seria, na sua opinião, se, no Brasil, fosse falado, além do Português, também o italiano ?**

Bem, io acho que cada país deve ter a sua língua. A língua falando a mesma cosa, pensando a mesma cosa, a gente se une. Falando duas línguas diferentes o povo de divide . Entre nós não é só o problema de língua. É tudo diferente entre nós, quando o mesmo país fala a mesma língua vira um conflito interno que cria um certo problema, você não se sente nem uma cosa e nem outra. Nós, na Itália, temos uma única língua que se une - o italiano-, mas temos ao menos 2000 dialetos. Non é o sotaque que muda, é própria outra língua. Eu falo o meu dialeto e encontro outro italiano com outro dialeto não se entende nem o assunto. É claro que existe o modo de falar, um romano que fala italiano se entende, mas sabe-se que é romano, porém quando fala o dialeto romano não se entende. O dialeto toscano é 90% italiano, porque a

língua italiana nasceu na Toscana. Uma palavra em um dialeto é outra completamente diferente em outro dialeto.

### **Entrevistada N.º3: Laura Pannone**

#### **01) Qual foi ou quais foram os principais motivos da imigração da sua família?**

Foi a trabalho. Na verdade, meu pai – nós somos italianos, né – Ele sempre teve esse espírito empresarial de trabalhar em outros países. Só que, no caso do Brasil, ele veio a passeio, apaixonou pelo Brasil e comprou primeiro uma fazenda no norte do Brasil. Depois veio pra Minas e colocou atividade aqui. Eu sempre, desde pequena, segui meu pai e, mesmo já tendo a minha vida, sendo casada e tendo filhos e tudo, eu trabalhava com ele e aonde ele ia, eu ia. Então, assim foi pro Brasil também. Ele veio aqui, instalou firmas aqui.

#### **02) Houve dificuldades na imigração?**

Houve, assim. Eu estou acostumada, como falei, já fui “no” Sul da África, desde pequena, na Alemanha, Europa toda. Não houve dificuldade, assim, pra, é, conceber essa ideia de me mudar para o Brasil. Houve dificuldade porque é uma realidade diferente. Então a gente fica cheia de dúvida. Você vem do outro lado do mundo. Uma realidade completamente diferente.

#### **03) Houve algum tipo de confusão ou dificuldades entre a sua língua e o português?**

Eu sempre me predispus a estudar línguas. Tanto que eu ensino inglês, italiano. Eu sou professora. Realizei esse sonho de ser professora de criança, dos anos iniciais do ensino fundamental aqui no Brasil. O Brasil me proporcionou isso. Até então, eu tinha o técnico em contabilidade, mas eu gostava justamente muito de ensinar mesmo dessa profissão e o Brasil me proporcionou essa possibilidade. Antes de vir para o Brasil, eu já estudei o português em muitos cursinhos, na Itália. Quando eu vinha pro Brasil, mesmo fosse por turismo, eu tinha aula com uma professora aqui de Cambuquira, a Teresa, que me deu aula de português. Então, dificuldade, relacionada à língua, não. Também porque o português que é uma língua latina. E é compatível com a língua italiana.

#### **04) Você fala a língua italiana e em que situações?**

Com a minha família, com certeza. Porque também a minha irmã se mudou pra cá, pro Brasil, o meu irmão. E, entre nós, nas nossas conversas, sem envolver muito as pessoas brasileiras, a

gente tem hábito de falar em italiano. Também pra não perder. E como já falei, eu ensino italiano, então me proporciona a possibilidade de manter a minha língua.

**05) Como é, para você, falar mais de uma língua?**

É algo que sempre gostei. É algo que não tem dificuldade pra mim. Porque é uma coisa que faz parte desde pequeno, da minha vida toda. Com relação a isso, não tem problema. E outra coisa, gosto. Não é acaso que ensino, também, outra língua.

**06) O que você sente por não mais falar o italiano frequentemente?**

É uma certa frustração. Eu ainda volto a repetir, por ensinar o italiano ainda tenho esse privilégio de manter, né. Mas, às vezes, me surpreendo por ter umas falhas. Por exemplo, o dia a dia te leva constantemente a usar só o português. E aí, com os meus filhos, eu só falo em português não em italiano, a não ser em determinadas situações. Eu me surpreendo porque eu rezo em português porque eu penso em português. Então, às vezes, dá certa frustração como se você estivesse afastando de suas origens. Mas eu acho que eu preciso fazer um exercício mental sobre isso, tentar manter lá, pra não esquecer.

**07) Como foi essa questão de falar a língua do Brasil e a sua língua italiana em sua casa e na escola?**

Então. Na minha casa, minha família, todos italianos. Então a gente manteve, como já te falei, a nossa origem, né, o nosso jeito de falar, mesmo que não fosse o italiano puro. Porque você já sabe o italiano tem vários dialetos, nós somos de Roma. Mas a gente mantém essas raízes. Agora, o tempo, já falei, afasta muito isso. Na escola, é, a vantagem é pra dar aula de italiano. Agora, com certeza, pra eu ser professora de criança de ensino fundamental, eu tive que deixar meio de lado o italiano. Eu dou aula de italiano pra eles, se a escola me oportunizar.

**08) Já houve algum momento em que você se sentiu constrangida ou envergonhada por falar em italiano?**

Envergonhada jamais. Constrangida, mas não por falar em italiano, mas por ser estrangeira. Vamos dizer, na burocracia, né, das coisas. Você vai pedir um documento, na área da saúde.

Na própria área de educação, eu não pude pegar os primeiros anos por causa do meu sotaque. A lei até me permite porque eu sou formada em Normal Superior, mas é uma questão de consciência também. Você sabe que [é] uma outra professora alfabetizadora que nasceu aqui, que tem essa raiz aqui pode proporcionar um ensino de uma maneira melhor, certa. Se bem que, é, o dialeto, a maneira de falar é subjetiva de cada um. Fiquei chateada, mas nada que a gente...

**09) Que lembranças você tem quando ouve uma música em italiano ou uma pessoa falando em italiano?**

Quero me identificar, quero relacionar aquela música ao momento que estava vivendo lá na Itália ou aquela pessoa geralmente me traz lembrança positiva.

**10) Como seria, na sua opinião, se no Brasil, além do português, também o italiano.**

Seria ótimo. O italiano é uma língua latina. E o italiano e o brasileiro, a meu ver, têm muito em comum na maneira de ser, de se expressar. Eu acho, o brasileiro gosta do italiano e o italiano gosta do brasileiro. Eu acho que tem uma afinidade. Eu acho uma boa idéia. Quem sabe, me contratam como professora de italiano,

## **Entrevistado N.º4: Lucciano Turchetti**

### **01) Qual foi ou quais foram os principais motivos da imigração da sua família?**

A Guerra. Minha mãe tinha muito medo da Guerra. Porque nós passamos a última guerra mundial. Minha mãe tinha pavor de uma outra guerra. No entanto ela fez de tudo pra me mandar embora. O motivo maior é esse. Eu tive que vim por causa do desespero da minha mãe. Ela tinha o pai, meu pai, e dois irmãos na guerra. Minha mãe não era muito coisa pra criança não. Mãe ela falou se conseguisse voltar da guerra os três, ela teria outro filho. Terminou a guerra. Depois de dez meses nasceu outro filho. E por isso que minha mãe fez de tudo pra mim ler. Tirar de lá pra evitar de enfrentar um pesadelo. Eu tô aqui até hoje.

### **02) Houve dificuldade na imigração?**

Não. A imigração, a verdadeira imigração... O modo que eu vim não foi. Não foi. Agora, depois que eu to aqui aí os problema apareceram, né. Que os imigrante naquela época era, erado meu ponto de vista, e de outros que vieram juntos, eram escravos. Escravo de um italiano ainda. Não podia fazer certas coisas. A gente não podia ir no centro da cidade. Tava morando no meio do mato. Era um pouco escravo [Silêncio]. Tivemo medo, eu queria voltar pra Itália de qualquer modo. Não ia ficar de jeito nenhum. Pelo modo com éramos tratados. E italiano. E conseguimos vir com contrato. Ele falava que no Brasil não tinha vinho. Acredita? Ele comprava, de vez em quando, uma botica, garrafa de vinho importado só pra mostrar que aqui não tinha vinho. Ele chegou a plantar no Rio de Janeiro vinha só pra mostrar nós que a vinha morria por causa do calor. Até isso ele fez. Eu, tanto quanto vim pra cá, por exemplo, eu gostava de caçar. Eu entrava numa venda que tinha por diante e vi naquela pratilera umas garrafa e perguntei o que que é aquilo lá. É vinho. Não acredito! Mas falaram que não tinha vinho por aqui. Ta vendo como era mal tratado. O dia que eu mandei vir um vinho [era doce e eu não gostava de vinho doce] mas eu tomei só pra ver se era mesmo. O senhor está vendo como fomos escravos por dois lados.

### **03) Em algum Em algum momento, durante esta história, houve algum tipo de confusão ou dificuldades entre a sua língua e o português?**

Não. Até que non, viu. Depois de um mês ou dois entendia bem. Só não conseguia escrever pra expressar. Depois de uns seis meses já não era difícil porque havia mais italianos. Quer dizer que formou aquele grupinho. A gente morava praticamente junto. E quer dizer que era aquele grupinho que falava italiano. E tinha pouco mais de dificuldade pra falar português. Mas depois eu fui trabalhar numa fábrica e tinha que falar português. Não foi difícil.

**04) Você fala a língua italiana Em que situações?**

Nós somos praticamente três ou quatro. A gente só fala italiano. Só italiano.

**05) Como é, para você, essa questão de falar mais de uma língua?**

É. Me sinto até bem. Eu falo duas línguas, né. [Riso] É alguma coisa. Mas me sinto bem. Me sinto bem. Me sinto bem porque quando estou perto de alguém que fala italiano. Alguém sentir, saber que tenho outra língua.

**06) O que você sente por não falar mais o italiano frequentemente?**

Non, non. Eu falo muito frequentemente. Até com a minha esposa aí ela fala. Isso há um ano era mais ainda. A minha mãe só falava o dialeto. Mai eu falo muito frequentemente. Nós temos uma pequena sociedade. E vira e meche nós sentamos aqui na mesa pra conversar. Só italiano.

**07) Como foi essa questão de falar a língua do Brasil e a língua italiana em sua casa? E na escola?**

Bom. Primeiro eu casei com uma filha de italiano. Foi muito fácil. Porque, eu às vezes, eu misturo a língua, mas a gente se entendia bem. Non, non foi complicado. A minha esposa fala bem italiano. Até hoje algumas vezes a gente mistura.

**08) Já houve algum momento em que você se sentiu constrangido, envergonhado por falar em italiano?**

Não. Absolutamente. A origem não falha.

**09) Que lembranças você tem quando ouve uma música em italiano ou uma pessoa falando em italiano?**

A música arrepia, né. Ainda mais a música mais clássica. Eu me arrepio. Gosto de música. Depois eu acho que, às vezes, pessoa que não acostumado não entende o que a gente sente. Traz muitas lembranças dos amigos que ainda estão lá. A lembrança quando na Itália eu vou na casa desse meu amigo. Depois de 50, 60 anos, muda tudo. A lembrança maior quando junta tudo.

**10) Como seria, na sua opinião, se, no Brasil, fosse falado, além do Português, também o Italiano.**

Achava ótimo. Pelo brasileiro também. No Sul fala, né. No Sul, há escolas que as criança aprende a falar português porque em casa. Fala mais o dialeto. O meu é vêneto. É difícil falar no dialeto.

## **Entrevistado N.º5: Dino Girardelli**

### **01) Qual foi ou quais foram os principais motivos da imigração da sua família?**

Bom, os motivos que io sou congregado, io sou da congregação religiosa e portanto os meu chefes pediram se queria vim para o Brasil eu aceitei e vim. Tinha 21 anos, 21 e pouco, poucos meses. 1957. E io sempre fiquei no âmbito da congregação, educação, colégio, escolas, escolas profissionais e fiquei em várias cidades aqui do Brasil.

### **02) Houve dificuldade na imigração?**

É, a dificuldade muito tem se adaptar o clima daqui, se adaptar os costumes, se adaptar a língua especialmente. Eu ainda tenho um pouquinho de sotaque de italiano, então a dificuldade continua mas no foi tanto sofrido no, claro que foi tempos diferentes, 55 anos atrás o Brasil era muito diferente de hoje, hoje quase que no tem diferença igual Itália a modernidade, tudo bem arrumado, tem muita coisa pra arrumar ainda mas a mudança foi muito grande nesse 55 anos. Portanto um tanto de *cambiare* foi feito mas tem ainda um pouco de sofrimento ainda, mas io fui no Espírito Santo no meio da floresta naquele tempo onde no tinha luz elétrica, no tinha telefone, para chegar uma carta da Itália gastava mais de um mês. E depois a gente se acostumou que até me naturalizei brasileiro.

### **03) Em algum momento, durante esta história, houve algum tipo de confusão ou dificuldades entre a sua língua e o português?**

Um pouquinho no início e até depois até aprender, até inclusive o primeiro ano fui na aula com as crianças, a professora tava ensinando um pouco do português, comecei a escrever a treinar também na escrita e depois bastante leitura, livros, jornais, revistas, então dificuldade um pouquinho no início sempre tem até que se acostumou.

### **04) Você fala a língua italiana em que situações?**

A língua italiana falo quando encontramos com os amigos italianos por que falamos italiano quando com os brasileiros fica difícil por que não tem interlocutor então, quando nos

encontramos entre amigos ou se telefona para os parentes na Itália ou chega algum parente aí falamos só italiano, se não sempre se fala o português.

**05) Como é, para você, essa questão de falar mais de uma língua?**

Pensa-se um pouco, agora estamos tanto acostumados a trocar que não precisa nem pensar mais, vem automático. Ontem tava falando com a Paula com o telefone aí tocou o celular, falei espera um momentinho e falei em português aqui e italiano com ela. [risos]. Então agora é mais fácil porque se acostuma, mesmo quando se encontra com os amigos italianos que moram aqui é muitas vezes se fala o português, muitas vezes se mistura um pouco se não o próprio costume muda facilmente de uma língua pra outra. Inclusive italiano e português são filhos da mesma mãe, língua latina portanto tem um pouquinho de semelhança se você falar italiano e japonês ou italiano e o inglês teria mais dificuldade, mas um pouquinho de semelhança tem.

**06) O que você sente por não falar mais o italiano frequentemente?**

Acostumei devagar. Não sinto nenhuma dificuldade, não estranho nada. Demora [silêncio] mas se fala sem dificuldade.

**07) Como foi essa questão de falar a língua do Brasil e a língua italiana em sua casa? E na escola?**

Aqui no Brasil, quando se tem um grupo se fala em italiano, eu mais ou menos já coloquei isso. Ah, em casa eu falo sempre português, porque convivo com os portugueses com os brasileiros. Então difícil. Ah no início sim, tinha outros italianos, se falava em italiano. Italiano, se falava em italiano. Aos poucos foi se aprendendo e depois se misturou. Relação, relação normal de quem fala italiano. Foi, até ano passado fui diretor no colégio aqui. Tem também lá Rio Grande do Sul morei 7 anos, depois mudei Brasília, São Paulo, mas São Paulo não era diretor de escola era parte administrativa. E aqui peguei 13 ou 14 anos, é uma escola grande mais de 1000 alunos. Mas lá na escola fala sempre em português a não ser que apareça algum italiano. Foram tantos italianos que vieram.

**08) Já houve algum momento em que você se sentiu constrangido, envergonhado por falar em italiano?**

No, envergonhado não porque, envergonhado às vezes por não saber falar bem a língua portuguesa. Mas o resto é coisa normal aos poucos se fala o português esquece o italiano, não esquecer o italiano mas se usar menos. Então [silêncio] no sei como que seria ficar envergonhado, no entendi bem como que é a pergunta.

**09) Que lembranças você tem quando ouve uma música em italiano ou uma pessoa falando em italiano?**

Nossa, até pouco tempo atrás a gente cantava em italiano, mas ainda se tem se escuta muito, tem gravação, tem pen drive agora com todas as músicas. Especialmente acompanhamos ao longo dos anos as músicas de San Remo, muito bonitas, até alguns anos atrás eram conhecidas no mesmo dia que saia do festival de San Remo o mundo inteiro conhecia. Agora o festival de San Remo passa quase desconhecido, não tem mais aquele atrativo, com músicas bonitas e então a música italiana sempre se aprecia [silêncio], se gosta de ouvir ainda mais música tradicionais que nós aprendemos logo em seguida a guerra, música que se refere a guerra. E isso traz lembranças porque nós vivemos o período da guerra e o pós-guerra, então nós gravamos aquela época na nossa juventude, na minha juventude pelo menos io gravei. Então aquele ali sempre ficará inesquecível. E músicas das montanhas, músicas tradicionais, músicas folclóricas e isso fica gravado e continua, continua cantando.

**10) Como seria, na sua opinião, se, no Brasil, fosse falado, além do Português, também o Italiano?**

É super impossível, não sei. Se fosse falado seria uma segunda Itália, bem que tem muitos italianos espalhados aqui no interior, na cidade de Varginha, Elói Mendes, Paraguaçu, Rio Grande do Sul, São Paulo italiano são uma infinidade mas o aqui em Pouso Alegre tem tantos mas lá em Lambari, lá em Três Corações cheio de italiano, descendentes agora, então acontece que seria bonito, mas como é que faz. Impossível, o Brasil é tão grande, tantas raças que tem aqui miscigenação de raças, então [silêncio] fica difícil .

**Entrevistado N.º6: Massimo Benbassi**

**01) Qual foi ou quais foram os principais motivos da imigração da sua família?**

Foi na verdade uma escolha de vida. Trabalhar.

**02) Houve dificuldade na imigração?**

Qual sentido de dificuldade [pergunta o italiano]. Bem. Social, não. A problemática seja cultural ou social não influenciou muito. Linguística, a etimologia é a mesma. As línguas de origem neolatina são as mesmas. O imigrante já tinha destino. Trabalhar em fazenda, com café.

**03) Em algum momento, durante esta história, houve algum tipo de confusão ou dificuldades entre a sua língua e o português?**

Confusão não. A língua brasileira. Não o português. O português do Brasil é diferente da nação, vamos dizer, maternal. O português do Brasil é muito agradável, doce na fonética. Para dizer uma coisa aqui no Brasil, não muita riqueza no diálogo. A colônia, o Brasil está se colocando na Itália.

**04) Você fala a língua italiana? Em que situações?**

Na minha casa falo. A minha caçulinha fala.

**05) Como é, para você, essa questão de falar mais de uma língua?**

A pessoa acaba acostumando.

**06) O que você sente por não falar mais o italiano frequentemente?**

Nada de preocupante.

**07) Como foi essa questão de falar a língua do Brasil e a língua italiana em sua casa? E na escola?**

Havia outras pessoas que falava italiano. Engraçado. Quando moro na Itália, falo com todo mundo o português. Quando fico no Brasil, em casa falo o italiano. É pra compensar os vazios. A menina está acostumada a ouvir pai e mãe falar as duas línguas. Esse vazio, você sai da casa, acaba esquecendo. Então vazio nesse sentido. Vazio no sentido de relacionar em português com outras pessoas. Me faz lembrar o Brasil.

**08) Já houve algum momento em que você se sentiu constrangido, envergonhado por falar em italiano?**

Non. Porque é a língua minha maternal. Cada cidadão – não importa a nacionalidade – tem a sua língua. Não importa qual é a língua.

**09) Que lembranças você tem quando ouve uma música ou uma pessoa falando em italiano?**

Algumas bonas, outras nem tanto. Bonas lembranças. Prazeroso.

**10) Como seria, na sua opinião, se, no Brasil, fosse falado, além do Português, também o Italiano.**

Se a gente pensa que o Brasil é muito maior que a Itália e que há um acordo bilateral entre Brasil e Itália, eu acho que a etnia italiana é muito forte no Brasil. No período da Guerra saiu cerca de 5 milhões de pessoas da Itália. Gostaria que se ensinasse o italiano.

**Entrevistado nº. 7 - Davide Di Benedetto**

**01) Qual foi ou quais foram os principais motivos da imigração da sua família?**

É, então, o meu avô, o Amedeu Pannonne, ele estava pensando em se aposentar , então, ele veio para o Brasil várias vezes como turista e ele pensou inclusive, eu não sei se a minha versão vai bater com a da minha mãe que também deu a entrevista né, mas é o que me contam. Mas dizem que ele pensou em comprar umas terras aqui no Brasil e se aposentar aqui. E aí ele acabou largando mão da ideia, mas ele comprou o abatedouro, a Pico Paco e uma fazenda e aí ele pensou em continuar mesmo com o negócio e chamou meu pai, casado com a minha mãe, filha dele, pra vim pra cá, trabalhar junto com ele. E aí, eu meio que vim junto na bagagem. Vim pra cá com dez anos mais ou menos.

**02) Houve dificuldade na imigração?**

É, não houve dificuldade na imigração. Realmente tem assim a papelada, a parte burocrática normais, mas eles vieram aqui primeiro como turistas, porque você comprou uma terra aqui que já era um negócio e então, não houve dificuldades assim.

**03) Em algum momento, durante esta história, houve algum tipo de confusão ou dificuldades entre a sua língua e o português?**

Não, olha só, como eu vim pequeno realmente quando você é pequeno você pega outros idiomas com uma facilidade muito grande. A única coisa que eu lembro assim, quando eu era muito pequeno eu tinha um vício que era assim *o então*, em italiano a palavra *então* a gente fala né, e eu ficava com esse e as pessoas ficavam assim o quê que esse cara tá falando, uma loira , ( Risos ) entendeu, as pessoas ficavam perdidas, ficavam brincando mas assim tirando um vício ou outro que eu tinha quando você é pequeno você pega fácil mesmo, não tem tanta confusão ou dificuldade assim.

**04) Você fala a língua italiana? Em que situações?**

Olha, hoje basicamente eu converso com meu pai em italiano. É, todos os dias, em casa ou aqui na empresa. Com a minha mãe nem tanto, ela fala o português, com sotaque,

naturalmente. Mas meu pai sempre fez questão. Às vezes ele vem me falar algo rápido e acaba esquecendo do italiano, fala em português e eu respondo em italiano.

**05) Como é, para você, essa questão de falar mais de uma língua?**

Acho normal, como eu falo desde pequeno acaba sendo natural. Eu ouvi uma frase que acho interessante: quando você fala mais de uma língua você não consegue fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo. E é verdade, quando eu estou falando em português e preciso falar italiano, eu paro, desligo o português e começo a falar em italiano.

**06) O que você sente por não falar mais o italiano frequentemente?**

Na verdade eu não sinto nada. Desde de muito novo eu falo o português, mas assisto a filmes em italiano, leio livros e sites, escuto músicas e tal. Mas sempre quando escuto alguém falando da Itália, ou vejo alguma notícia, paro para ver ou ouvir. Opa ! Estão falando de mim, das minhas raízes. Gosto de assistir a canais de T.V italiana também. É normal, falo inglês fluente também.

**07) Como foi essa questão de falar a língua do Brasil e a língua italiana em sua casa? E na escola?**

Em casa, meu pai sempre fez questão de falar em italiano conosco e que nós falássemos italiano também. Já minha mãe sempre foi mais liberal, tanto que agora ela aportuguesou coisas do dia-a-dia mesmo, ela fala em português , mas com bastante sotaque italiano. Já na escola, como eu comecei falar português no Brasil, no começo era meio difícil de entender e interagir. No início eu era um aluno isolado, demorou um pouco pra eu me soltar.

**08) Já houve algum momento em que você se sentiu constrangido, envergonhado por falar em italiano?**

Ah, constrangido não, eu não tenho nem muito sotaque, com meus amigos sempre falei português normal. Mas, em cidade grande isso é normal, porém, cidade pequena como Cambuquira, isso é mais diferente e curioso. Já aconteceu de eu estar no ônibus com alguns amigos e meu pai me ligar e eu atendê-lo e conversar em italiano, quando eu desliguei , meus

amigos estavam me olhando e o ônibus inteiro também. Aí você fica meio envergonhado mesmo, mas nada mais que esse tipo de acontecimento.

**09) Que lembranças você tem quando ouve uma música em italiano ou uma pessoa falando em italiano?**

É, por eu ter vindo muito novo para cá, eu não tenho muitas lembranças de lá. Não sinto saudades, me considero brasileiro de coração. Talvez as pessoas mais velhas sintam saudades, mas eu não morei muito na Itália . Porém, gosto de ouvir músicas, aliás, acho que é um país que possui ótimos cantores. Já voltei algumas vezes lá, mas minha vida se fez aqui.

**10) Como seria, em sua opinião, se, no Brasil, fosse falado, além do Português, também o Italiano.**

Em minha opinião, os brasileiros não falam nem escrevem o português direito, acho que seria bem confuso. Deveriam falar o inglês primeiro que é uma língua muito importante. O que eu queria ver com mais frequência era nas escolas de idiomas o curso de italiano com mais ênfase. As pessoas possuem a curiosidade de aprender o italiano.

**Entrevistado nº. 8 - Paolo Panonne**

**01) Qual foi ou quais foram os principais motivos da imigração da sua família?**

Bom. O principal razão da nossa imigração foi o trabalho, né porque meu pai era empresário e resolveu abrir uma empresa aqui no Brasil e acabou trazendo toda a família pra cá. Essa é a principal razão. Familiar, né. Nossa imigração familiar.

**02) Houve dificuldade na imigração?**

Não. Posso falar que..... não houve. Bom. Vamos falar é.... talvez, no, início, como todas as imigrações, acho, com certeza, há uma certa dificuldade porque você encontra outro mundo, outra cultura. Apesar que o Brasil é um país bem parecido por muitos aspectos e parecido com a Itália. Em particular, o espírito do povo. Um espírito. Aquela alegria, aquela capacidade de curtir e por isso, e essa uma das razões entre as quais o Brasil foi um dos principais alvos da imigração.

**03) Em algum momento, durante esta história, houve algum tipo de confusão ou dificuldades entre a sua língua e o português?**

Isso é inevitável. Com certeza.

**04) Você fala a língua italiana? Em que situações?**

Ele pediu para que o entrevistador repetisse a pergunta.

Bom. Aqui no Brasil exclusivamente quando falo com meus familiares.

**05) Como é, para você, essa questão de falar mais de uma língua?**

Acho normal.

**06) O que você sente por não falar mais o italiano frequentemente?**

Bom. Às vezes a gente se sente um pouco, assim, nostálgico, né. Um sentimento de nostalgia. Porque o idioma está ligado às próprias raízes culturais. Então com certeza esse sentimento de saudade, na Itália, de nostalgia, né. Por não estar falando constantemente o próprio idioma. Digamos assim, de descontinuidade com as próprias raízes.

**07) Como foi essa questão de falar a língua do Brasil e a língua italiana em sua casa? E na escola?**

Não cheguei a frequentar escola no Brasil. Quando cheguei aqui já estava com mais de trinta anos, já estava formado. A, normalmente a gente conversava em italiano entre nós, e conversávamos em português com o restante da população. E após uns anos aprendemos a ter uma conversa mista. É português e italiano. Então alterna. Se fala italiano entre nós, com os familiares, mas a gente costuma falar tanto italiano como o português. Uma conversa mista nos dois idiomas. Nunca misturamos os idiomas. Alternamos a conversa nos dois idiomas.

**08) Já houve algum momento em que você se sentiu constrangido, envergonhado por falar em italiano?**

De jeito nenhum (risos). Acho que nós, italianos, isso é uma coisa típica do nosso povo, faz parte das estatísticas. Parece que sim, nós temos uma ligação muito forte com as nossas raízes e temos uma identidade nacional forte. Por ser um país com grandes expressões. Então, pra nós é uma honra poder, assim, soltar nossos conhecimentos, nossa cultura. Afinal, a Itália é o berço da cultura.

**09) Que lembranças você tem quando ouve uma música em italiano ou uma pessoa falando em italiano?**

Sentimentos ligados muito à memória. Porque você sabe que, especialmente, as músicas estimulam muito as memórias. Memórias sim. Memórias, por exemplo, de adolescência, amizade, afetos, amores. As músicas são muito ligadas a esses sentimentos. Então fazem parte da própria memória. Da própria memória emocional. Com certeza, a música é a linguagem mais imediata.

**10) Como seria, em sua opinião, se, no Brasil, fosse falado, além do Português, também o Italiano.**

Seria ótimo porque o italiano, apesar de não ser considerada uma língua do mercado, falado no mercado de trabalho, eu acho o italiano uma língua cheia de conteúdos, e com certeza seria um enriquecimento de falar o italiano, o acesso à cultura, não somente um assunto pessoal. Acho que o povo bilíngüe é um povo que tem uma marcha a mais, então o conhecimento de um outro idioma é um passaporte. Eu percebo muito essa diferença porque eu sou professor de italiano e inglês. E quem escolhe o idioma inglês, por exemplo, é por uma questão de mercado, né. Quem escolhe aprender o idioma italiano é mais por prazer, pela própria cultura. Pra conhecer a Itália.